



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO E TECNOLOGIAS APLICADAS
À EDUCAÇÃO – GESTEC

ROSANGELA PATRÍCIA DE SOUSA MOREIRA

O LUGAR DA PESQUISA NA EDUCAÇÃO
GEOGRÁFICA: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DOS ALUNOS
DO ENSINO MÉDIO - IFBA/CAMPUS VALENÇA

Salvador, BA
2015

ROSANGELA PATRÍCIA DE SOUSA MOREIRA

**O LUGAR DA PESQUISA NA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA:
RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO -
IFBA/CAMPUS VALENÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de Proposta de Intervenção Dissertativa na Rede Pública de Ensino, como requisito final para obtenção de Grau do Mestre em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação – GESTEC, da Universidade do Estado da Bahia, vinculado ao Departamento de Educação – DEDC – Campus I, sob a Orientação do Prof. Dr. André Luiz Souza da Silva e Co-Orientação da Profa. Dra. Tânia Maria Hetkowski.

Salvador, BA
2015

ROSANGELA PATRÍCIA DE SOUSA MOREIRA

**O LUGAR DA PESQUISA NA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA:
RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO -
IFBA/CAMPUS VALENÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de Proposta de Intervenção Dissertativa na Rede Pública de Ensino, como requisito final para obtenção de Grau do Mestre em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação – GESTEC, da Universidade do Estado da Bahia, vinculado ao Departamento de Educação – DEDC – Campus I, sob a Orientação do Prof. Dr. André Luiz Souza da Silva e Co-Orientação da Profa. Dra. Tânia Maria Hetkowski.

Aprovada em 13 de março de 2015.

Prof^o. Doutor André Luís Souza da Silva
Orientador - UNEB

Prof^a. Doutora Tânia Maria Hetkwoski
Co-Orientadora - UNEB

Prof^o. Doutor Francisco Jorge de Oliveira Brito
UNEB

Prof^o. Doutor Marcelo Oliveira de Faria
UEFS

A minha *mainha* Dona Jó, a Roberto e ao pequeno Heitor,
por serem a base de tudo que sou,
pelo amor imensurável e, sobretudo,
por acreditarem em mim.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, o primeiro autor de tudo aqui representado, pelos momentos vividos e graça de poder chegar até aqui.

A minha *mainha*, por acreditar sempre em mim, mais do que eu mesma, e por todas as palavras de incentivo e carinho a cada ligação.

A Meire, minha mãe, meus irmãos Vinny e Ben, que mesmo do outro lado do Atlântico, torciam por mim.

Aos homens da minha vida: Roberto e Heitor, que neste período de estudos, apesar de muitos momentos de ausência e impaciência, sempre me olharam com um carinho sem igual.

Ao meu querido Orientador, André Betonnasi, que aceitou o desafio de me guiar por essas trilhas do conhecimento, e a quem tenho um profundo carinho, respeito e admiração.

A minha flor, minha Co-Orientadora, Prof^a Tânia Maria Hetkowski, que do seu jeito especial amiga de ser, me apresentou o mundo da pesquisa e me fez crer na possibilidade de fazer parte dele e, assim, me redescobrir como pessoa e profissional. Muito obrigada pelo carinho e cuidado de sempre.

Aos meus pesquisadores juniores do IFBA Valença, que me proporcionaram o prazer e a honra de (re)descobrir outros lugares, através de seus olhares. Jovens que foram, são e sempre serão lembrados por mim, com todo carinho e admiração, pela vontade, força e determinação em realizar uma pesquisa. Mas, sobretudo, por me mostrar, que o poder da descoberta é fascinante!

A Cláudia Pires, Domingos Mainart, Mônica Sacramento, Urbano Cavalcante e Anderson Epifania, que estiveram sempre presente nos bastidores dessa minha / nossa conquista, e sempre serei grata a vocês!

Ao “bonde das Injúrias.com”, representado pelos grandes companheiros de escaminhadas, risos, e angústias: Tarsis Carvalho, Fabiana Nascimento, Inaiá Brandão, Silvia Letícia e Josemeire Dias. Não seria nada e nem chegaria aonde cheguei sem o apoio incondicional de vocês! E neste bonde, também encontrei uma “irmã de santo”, parceira, confidente, e cúmplice nas loucuras, minha querida amiga, Kátia Soane. Vocês são o meu porto, meu cais, onde neste *mar de gente*, sempre encontrei uma palavra, um sorriso e também uma chamada para realidade.

Aos companheiros de descobertas no universo da pesquisa e no desenvolvimento do Projeto A Rádio da Escola na Escola da Rádio: Jordan Mendes, Tânia Regina, Telma Dias, Débora Chaves, Cátia Nery. Juntos descobrimos que somos mais.

Aos colegas do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA / Campus Valença, em especial Márcia Amorim, Joanildo Borges, Fabrício Amorim, Dayane Moreira e Wheliton Chiang, que colaboraram e tornaram possível o desenvolvimento dessa proposta.

As “meninas superpoderosas” da Secretaria do GESTEC (Balbina, Icilma, Kellen e Aninha), que sempre estiveram disponível para nos socorrer em nossas atividades.

Aos professores que integram a banca de avaliação deste trabalho, Prof. Marcelo Oliveira de Faria e Prof. Francisco Jorge de Oliveira Brito, que com um olhar cuidadoso e voltado ao melhor para meu trabalho, forneceram contribuições valiosas para o aprimoramento e concretude do mesmo.

As pessoas que estiveram presentes de forma direta ou indiretamente nesta caminhada, durante as madrugadas na estrada, no café da manhã durante a travessia Itaparica x Salvador, ou em qualquer outro lugar no qual, aos poucos, fui criando laços.

Enfim, agradeço a todos que confiaram em mim e assim acreditaram que seria possível.

Muito obrigada!

Se não puder voar, corra.
Se não puder correr, ande.
Se não puder andar, rasteje.
Mas continue em frente de qualquer jeito.

Martin Luther King

RESUMO

O lugar enquanto conceito ou palavra está a cada dia mais presente no cotidiano das pessoas e também nas discussões acadêmicas em suas distintas áreas e aplicações. O seu estudo e aprofundamento a partir da ciência geográfica, apresenta elementos que caminham desde a representatividade do sentimento de pertença ou sua negação, até o lugar como palco de transformações e interconexão ao mundo. E desta forma, o lugar se faz presente em diferentes temáticas e possibilidades de abordagem em nossa sociedade. Nesse sentido, esse trabalho desenvolvido com alunos do Ensino Médio Integrado do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA, na cidade de Valença, tem como objetivo desenvolver uma dinâmica de educação científica à compreensão do lugar, potencializado pela educação geográfica e nas perspectivas do Projeto *A Rádio da Escola na Escola da Rádio*. Os pressupostos metodológicos da pesquisa participante e todo processo colaborativo presente nesta abordagem estruturam esse trabalho. Ao longo da pesquisa, foram implementadas ações como oficinas temáticas, saídas de campo e orientações semanais, que possibilitaram a ampliação, compreensão e percepção do lugar por parte daqueles jovens pesquisadores, partícipes de uma proposta de intervenção, na perspectiva de uma educação que transcende os limites da escola, aproximando assim, a pesquisa, ciência e educação básica.

Palavras-chave: Lugar. Educação Geográfica. A Rádio da Escola na Escola da Rádio. Ensino Médio Integrado. IFBA.

ABSTRACT

The place as a concept or a word is increasingly present in daily life and also in academic discussions with their different areas and applications. Its study and deepening from the geographical science features elements that go since the representativeness of the feeling of belonging or its denial, until the place as stage of transformations and world interconnection. And so the place is present in different themes and in approach possibilities in our society. Thus, this work developed with students of the Integrated High School at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Bahia (IFBA), in the city of Valença-BA, has the purpose of establishing dynamics in the scientific education at the understanding of the place, powered by the geographical education in the perspectives of the Project The Radio of the School at the School of the Radio. The methodological assumptions of participatory research – and all of the collaborative process which are present in this approach – are the structure of this work. Along this research, some actions were implemented such as thematic workshops, technical visits and weekly orientations that enabled the extension, comprehension and perception of the place by those young researchers, who are participants of an interventional proposal, in the perspective of an education that expands the limits of the school, drawing research and science near to Basic Education.

Keywords: Place. Geographical education. The Radio of the School at the School of the Radio. Integrated High School. IFBA.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 -	Dinâmica da relação GEOTEC	29
Figura 02 -	Logomarca do Projeto A Rádio da Escola na Escola da Rádio ..	30
Figura 03 -	Logomarca do CEFET	33
Figura 04 -	Logomarca do IFBA	34
Figura 05 -	Mapa dos Campi do IFBA em 2014	35
Figura 06 -	Fachada do IFBA – Campus Valença	36
Figura 07 -	Alunos do Projeto por cursos técnicos no IFBA – Campus Valença	59
Figura 08 -	Idade dos Alunos do Projeto no IFBA – Campus Valença	60
Figura 09 -	Página do Projeto da Rádio no Campus Valença em rede social	66
Figura 10 -	Alunos na Oficina de História e Memória	71
Figura 11 -	Alunos na Oficina de Metodologia da Pesquisa	75
Figura 12 -	Alunos na Oficina de Produção Textual	77
Figura 13 -	Alunos na Oficina de Direito na Pesquisa	79
Figura 14 -	Ruas do bairro do Tendo em Valença (1990 / 2014)	85
Figura 15 -	Antiga ponte sobre o Rio Jiquiriça, na cidade de Laje – BA	86
Figura 16 -	Fachada do Teatro Municipal de Valença	88
Figura 17 -	Peças em produção em Olaria de Maragogipinho – BA	89
Figura 18 -	O comércio nas ruas de Valença – BA	91
Figura 19 -	Vista aérea da cidade de Ituberá – BA	92
Figura 20 -	Alunos no INTERCULTE – 2013	96
Figura 21 -	Alunos no Seminário de Pesquisa do IFBA – Campus Valença	97
Figura 22 -	Representantes do Grupo na 66ª SBPC em Rio Branco/AC.....	98
Figura 23 -	Partícipes da Rádio na FEMMIC 2014	100
Figura 24 -	Capa do Caleidoscópio, lançado em 2015	101

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 -	Projeto da Rádio: novos espaços e dinâmicas	32
Quadro 02 -	Outros Pesquisadores do Projeto da Rádio	32
Quadro 03 -	Evolução da oferta de cursos no IFBA - Campus Valença	36
Quadro 04 -	Estrutura pessoal e estrutural do IFBA - Campus Valença	37
Quadro 05 -	Cursos para o Projeto da Rádio, ofertado pelo EOTEC	68
Quadro 06 -	Oficinas básicas ofertadas pelo GEOTEC para o Projeto da Rádio	69
Quadro 07 -	Oficinas teóricas realizadas	70

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	13
1 UMA CONSTRUÇÃO COLETIVA: CAMINHAR É PRECISO	21
1.1 NOS TITUBEIOS DA PESQUISA À BUSCA DO COMEÇO: DÚVIDAS, MEDOS E INCERTEZAS... TUDO FAZ PARTE!	21
1.2 O GEOTEC E O PROJETO A RÁDIO DA ESCOLA NA ESCOLA DA RÁDIO: COMPREENDENDO O COMEÇO DE TUDO	27
1.3 A RÁDIO NA ESCOLA NO IFBA - CAMPUS VALENÇA.....	33
2 O LUGAR NA PESQUISA E A PESQUISA DOS LUGARES: CAMINHOS EPISTÊMICOS	39
2.1 ENTRE O ESPAÇO E O LUGAR... UM OLHAR SOBRE O LUGAR	40
2.2 UMA PAUSA PARA O LUGAR: DO NINHO PARA O MUNDO	46
2.3 A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E AS TIC NAS ASPIRAÇÕES E TRANSPIRAÇÕES DO LUGAR	52
3 PROCESSOS FORMATIVOS NO IFBA / VALENÇA: PESQUISAR É PRECISO!	58
3.1 ALUNOS PARTÍCIPIES DO PROJETO: SUJEITOS ATORES E AUTORES NO PROCESSO	59
3.2 ATIVIDADES FORMATIVAS: ENTRE ENCONTROS, DÚVIDAS E POSSIBILIDADES	65
3.2.1 As oficinas: encontros de capacitação, informação e descontração	68
3.2.1.1 Oficina I - Introdução à História e Memória na Pesquisa Científica	71
3.2.1.2 Oficina II - Metodologia da Pesquisa: Saberes Científicos e Narrativos... nos titubeios à busca do começo	72
3.2.1.3 Oficina III - Produção Textual: Estilo, coerência e coesão: escrevendo um texto científico	77
3.2.1.4 Oficina IV - O Direito de imagem e outros registros na pesquisa: até onde posso ir?	78

4 O LUGAR DOS PARTICIPES NO ATO DE PESQUISAR	82
4.1 ENTRE OLHARES E LUGARES: O MOSAICO DA PESQUISA	83
4.1.1 O lugar e as transformações espaciais	84
4.1.2 O lugar e as questões patrimoniais	87
4.1.3 O lugar e as questões econômicas	90
4.1.4 O lugar e as questões de identidade	93
4.2 COLHENDO ALGUNS FRUTOS	95
4.2.1 8º Encontro Interdisciplinar de Cultura Tecnologias e Educação	96
4.2.2 II Seminário de Pesquisa do IFBA – Campus Valença	97
4.2.3 66ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.....	97
4.2.4 12ª Feira dos Municípios e a 3ª Mostra de Iniciação Científica da Bahia	99
 CONSIDERAÇÕES, REFLEXÕES E INQUIETAÇÕES	 102
 REFERÊNCIAS	 107

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*Tudo aqui
Quer me revelar
Minha letra
Minha roupa
Meu paladar
O que eu não digo
O que eu afirmo
Onde eu gosto de ficar
Quando amanheço
Quando me esqueço
Quando morro de medo do mar...
Tudo aqui!
Quer me revelar
Unhas roídas
Ausências, visitas...
O que eu procuro
O que eu rejeito
O que eu nunca vou recusar
Tudo em mim quer me revelar*

Zélia Duncan

Muitas vezes nos deparamos com questionamentos sobre onde estamos e o que realmente estamos fazendo. Será que estamos no lugar certo? Será que estamos seguindo os passos que gostaríamos para, alcançarmos, realmente, aquilo que sonhamos? Até onde influenciamos nos lugares, fixamos raízes ou simplesmente passamos? E a recíproca também é válida questionar. Desta forma, podemos invocar aquela velha máxima de que *a pessoa faz o lugar*, entretanto é certo afirmar que o lugar também diz e representa muito às pessoas.

Meu lugar é resultado de muitos lugares, constituído pelo caminhar que destinou no que hoje sou, alguns caminhos alheios à minha vontade, impulsionaram para caminhos cruzados, onde sempre estive em minhas mãos a escolha do caminho a seguir, do lugar onde eu me identificava, onde sentia que poderia ser alguém, para, a partir disso, mostrar ser diferente do que imaginavam que fosse.

Retorno ao lugar quando escolhi a Geografia como formação e me encontro no mundo de vários lugares: do nascimento na Cidade de Salvador/BA; os Anos Iniciais formativos em São Francisco do Conde/BA, Lauro de Freitas/BA e concluindo o Ensino Médio em Salvador/BA. Nos desafios da graduação em Geografia, na cidade de Santo Antônio de Jesus/BA, foram traçadas as metas da minha formação profissional, em continuidade com a Especialização Metodologia e Ensino da Geografia na cidade de Jacobina-BA.

Como geógrafa me encantei pela docência exercida em diferentes lugares como os Municípios de Mutuípe, Ituberá, Muniz Ferreira, demarcando território profissional na cidade de Valença, onde faço parte do quadro efetivo como professora do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA. Mas os caminhos não se findam e retorno a posição de estudante, e amplio-o ao desbravamento das estradas e da Baía de Todos os Santos semanalmente, entre a cidade de Valença para o Campus I da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, em Salvador, em busca de novas experiências, sujeitos e saberes sobre os lugares e espaços dessa Educação Básica no “lugar da pesquisa”.

Os lugares não me definem apenas como espaços geográficos ou mais próximos como os espaços vividos e experienciados. Mas me representam como mulher, esposa, mãe, profissional e também como pessoa pelo próprio tipo físico, onde na adolescência era reconhecida como MC – mapa do Chile¹. Todos os espaços citados apresentam um significado em minha vida. Se me perguntarem pelos lugares por onde andei, certamente terei várias formas de descrevê-los, mas acima de tudo, cada um destes, me descreve, pois revelam em mim, partes de um todo que hoje sou: sujeito de incompletude.

Entre tantos espaços que me constituíram / constituem, destaco os dois mais presentes em meu convívio nesse momento, como docente/aluna/pesquisadora: primeiramente me refiro ao IFBA, em particular o Campus localizado na cidade de Valença. Espaço de formação que proporciona um serviço de educação técnica e também de nível superior à comunidade local, bem como para as cidades circunvizinhas da Costa do Dendê e do Recôncavo Baiano, há 16 anos oferecendo cursos para modalidades do Ensino Médio Integrado (áreas de Aquicultura, Informática e também Guia em Turismo), Subsequente ao Ensino Médio (Aquicultura e Informática), Educação para Jovens e Adultos (Guia em Turismo), além dos cursos de Licenciaturas em Computação e Matemática. Atualmente trabalho mais efetivamente com as turmas do Ensino Médio Integrado predominante de um público composto por jovens entre idades de 15 e 19 anos. Estes jovens, aparentemente *uniformizados* pelo padrão escolar, carregam percepções, desejos e visões

¹ Apelido recebido ainda quando cursava o Ensino Médio, no Colégio Estadual Severino Vieira, na cidade de Salvador/BA. A associação justificava-se pelo fato do meu tipo físico (alta e magra) ser associada a grafia do país sulamericano: longínquo e estreito.

diferenciadas sobre o lugar, que em decorrência de atividades diárias previstas em suas grades curriculares, ficam subjugadas aos saberes inerentes aos seus cursos.

O segundo espaço de experiências que destaco é aquele em que a professora assume o lugar de aluna, aprendiz e mediadora relativo às questões das descobertas sobre o mundo da vida, da ruptura de pensamentos e na (re)construção de outros conceitos, preceitos e proposições. O lugar onde as amizades são formadas, laços fortes que levo em minha estrada da vida... Esse lugar é a UNEB, em particular o Programa de Pós-Graduação em Gestão e Tecnologia Aplicada à Educação – GESTEC, e através dele o vínculo criado com o Grupo de Pesquisa, em Geotecnologia Educação e Contemporaneidade – GEOTEC, onde uma nova família se constituiu.

De volta à academia, redescobri os caminhos da escrita, os quais estavam restritos à profissão docente. Neste retorno, busquei rememorar algumas inquietações que permeiam a minha prática: como os alunos percebiam a integração dos conteúdos de Geografia no cotidiano? Qual a função da Geografia na formação de alunos em uma escola tecnológica? Essas questões me levavam à uma reflexão para além das discussões da Geografia dentro e fora dos limites da sala de aula, desencadearam em uma visão da Educação Geográfica, onde o perceber/viver/compreender as discussões e, sobretudo, suas contextualizações sobre os espaços, permitiam o despertar dos alunos mais críticos e autoconfiantes em mostrar suas considerações sobre o tema em questão.

Nesta visão, após idas e vindas, contando sempre com o apoio dos membros do GEOTEC² nos fóruns, conversas e rodadas de café, denotei consistência e delimitei meu objeto de investigação no meu percurso de engajamento, acomodando as minhas inquietações como pesquisadora. Assim, percebendo a grandiosidade e encantada pela essência colaborativa que fomenta as ações do Projeto *A Rádio da Escola na Escola da Rádio*, passei a refletir sobre a questão norteadora da minha proposição de trabalho: Como a Educação Geográfica, através o desenvolvimento do Projeto *A rádio da escola na escola da rádio*, pode possibilitar o compreensão entendimento do lugar dos alunos do Ensino Médio Integrado do IFBA Campus Valença?

² Criado no ano de 2007, o Grupo de Pesquisa em Geotecnologias Educação e Contemporaneidade, é instituído e certificado pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, apresentando a Prof^a Dr^a Tânia Maria Hetkowski como líder de trabalho nas áreas de concentração em Ciências Humanas e Educação. Website: www.uneb.br/geotec.

Essa indagação apresentava uma série de questões: a) qual a metodologia que articula o Projeto *A rádio da escola na escola da rádio*? b) Como é concebida essa articulação com as questões epistêmicas acerca do lugar? c) Como os partícipes da proposta percebem os transbordamentos da Educação Geográfica na compreensão do lugar? Desta forma tracei os objetivos para atender o desafio proposto nesta pesquisa: Desenvolver uma proposta, a partir das provocações do Projeto *A Rádio da Escola na Escola da Rádio*, explorando os potenciais da Educação Científica na busca, na valorização e na (re)descoberta do lugar da Educação Geográfica, junto aos alunos do IFBA/Campus Valença.

A partir dessa pretensão principal, surgiram pontos que iriam confluir e subsidiar o andamento da proposta e dessa caminhada:

- (i) Desenvolver uma dinâmica de educação científica ao entendimento do lugar potencializado pela Educação Geográfica, baseados nas perspectivas do Projeto *A Rádio da Escola na Escola da Rádio*.
- (ii) Perceber a imersão e relação dos sujeitos com o seu lugar a partir do desenvolvimento da pesquisa
- (iii) Registrar lugares históricos, patrimoniais e representativos à constituição dos espaços vividos pelos partícipes.

Contudo cabe salientar que o trabalho aqui apresentado, desde os primeiros rascunhos até a efetiva aplicação, foi possível devido a metodologia participante/colaborativa do GEOTEC, bem como as discussões sobre espaço. O *espaço das transformações*, e, sobretudo, atreladas às reflexões acerca das tecnologias e geotecnologias, sua articulação com a educação e com os processos formativos do sujeito humano.

O GEOTEC entende as tecnologias para além da proposição advinda do processo de industrialização, caracterizada pelos aspectos instrumentais maquínicos. Nossa compreensão advém do entendimento de técnica e tecnologia como princípio construtivo e transformativo da condição humana e por consequência, desse entendimento a compreensão sobre as geotecnologias transcende a perspectiva tecnicista, redimensionando às questões humanas, onde todo processo de criação e dinamização, perpassa a visão subjetiva de um coletivo social, ou seja a “geotecnologia representa a capacidade criativa dos homens, através de técnicas e de situações cognitivas, representar situações espaciais e de

localização para melhor compreender a condição humana” (HETKOWSKI, 2010, p.6).

De acordo com a autora, compreendemos que a tecnologia não está presente, única e exclusivamente nos equipamentos, mas no homem e na sua capacidade de intervir e demonstrar seus objetivos/produções/ações através da utilização de elementos materiais e imateriais. Mediante essa afirmação podemos ressignificar a percepção de tecnologia disseminada pelos princípios modernistas que abarcam o entendimento instrumental, pois nossa compreensão perpassa por uma concepção de que as geotecnologias são geradas pelo entrelaçamento entre recursos digitais e a concepção de espaço, no contexto das relações vividas em sociedade.

Na busca por outras discussões sobre o espaço, além das questões físicas, porém voltadas as inter-relações com a sociedade e o papel das TIC, o GEOTEC desenvolve atualmente, dois grandes projetos: o Projeto *Kimera: Cidades Imaginárias*, e o Projeto *A Rádio da Escola na Escola da Rádio: resgate e difusão de conhecimentos sobre os espaços da cidade de Salvador/BA*. Estes projetos em oito anos de existência, proporcionaram produtivas discussões que desencadearam em produções acadêmicas de mestrado e doutorado, dentro dos programas Pós-Graduação *Strictu Senso* da UNEB (Programa de Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação – GESTEC e no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEduC), bem como Iniciação Científica na Graduação, Trabalho de Conclusão de Curso em Especialização, pós Doutorado e outras ações na rede básica de ensino.

Nesta proposta vou destacar o Projeto *A Rádio da Escola na Escola da Rádio*, base e âncora deste trabalho, o qual prevê uma educação científica para os sujeitos envolvidos na proposta, contribuindo assim, para a difusão e conseqüentemente, a popularização da ciência, no ato do desenvolvimento de suas pesquisas (HETKOWSKI, 2011). Desta forma, o projeto possibilita aos alunos partícipes, o reconhecimento de seus espaços, bem como a percepção de sua própria identidade com o ser social.

Através da dinâmica do GEOTEC, suas ações, atividades de pesquisa e projetos voltados à discussão do espaço e tecnologia, como possibilidades de interação e compreensão do próprio espaço, busquei apoio em seus integrantes para o desenvolvimento deste trabalho: “uma proposta de intervenção na rede

pública de ensino”, iniciada através da inserção da pesquisa desenvolvida pelos alunos do Projeto, como possibilidade de reconhecimento de seus espaços, do seu lugar.

Nesse sentido, motivada pelos objetivos e pelo potencial do Projeto *A rádio da escola na escola da rádio*, e assumi o desafio de levar a atividade da pesquisa investigativa a um grupo de jovens alunos do Ensino Médio do IFBA, na cidade de Valença/Ba, possibilitando o entendimento do lugar a partir de questões que envolvem transformações urbanas, estigmas de bairros periféricos, segregações sócio espaciais, questões históricas, dentre outras temáticas que foram sugeridas pelos pesquisadores juniores, as quais serão apresentadas nesta proposta de intervenção e na descrição das ações e conquistas.

Para a construção deste trabalho, tomamos como pontos de luz, alguns pressupostos teóricos que o elucidam: a) a educação geográfica; b) o lugar; c) processos formativos e; d) Geotecnologias. Eixos epistêmicos que norteiam as discussões que serão apresentadas ao longo desta construção, destacando, sobretudo, não apenas a construção dos trabalhos, mas o crescimento científico e a majestosa descoberta dos alunos se perceberem como autores, agentes e jovens pesquisadores, reescrevendo a história do seu lugar, mescladas e emaranhadas às suas vidas.

Diante do desafio que se revela a discussão e produção da pesquisa por jovens do ensino médio do IFBA na cidade de Valença, percebemos outros caminhos da educação que se alicerçam na investigação. Caminhos que em cada etapa programada e cada de atividades capacitativa realizada, frutos de oficinas, foram fomentos para os processos formativos. Pois, as ideias e curiosidades do grupo desmistificavam a pesquisa como “algo inatingível” por sujeitos da Educação Básica, e, aos poucos se constituíam e assumiam postura de autores, preocupados com a cidade, com a história, com o patrimônio histórico, com a memória de um lugar detalhada e com os procedimentos nos seus trabalhos.

Na busca de apresentar o trabalho de engajamento proposto nesta proposição investigação, apresento essa possibilidade de inovação pedagógica em quatro sessões, que tecem discussões, trazem inquietações e apresentam informações, que no conjunto, possibilitarão a compreensão das atividades desenvolvidas pelo grupo do IFBA.

A primeira sessão, *Uma construção coletiva: caminhar é preciso*, apresenta uma discussão dos procedimentos metodológicos que nortearam este trabalho, embasados em autores como Demo (2005), Nascimento (2013), Gabarrón e Landa (2006). Neste momento, busco demonstrar os fios que possibilitaram compor a presente obra. Os “fios” aqui podem ser reconhecidos pelo lócus da pesquisa, os alunos envolvidos, o Grupo GEOTEC e outros colaboradores juntos, tornaram possível à realização desta pesquisa.

No segundo momento, a sessão intitulada *O lugar na pesquisa e a pesquisa nos lugares: caminhos epistêmicos* nos remete a um mergulho teórico acerca da categoria de análise primordial deste trabalho. Para isso, autores como Moraes, (2005), Santos (1985, 1988, 1996, 2004), Lefebvre (2008, 2006), Oliveira Júnior (2012), Massey (2008), Certeau (2008) e Tuan (1980) alicerçaram as compreensões sobre espaço e lugar, ao passo que Callai (1999) contribuiu para o entendimento de Educação Geográfica. Estes elementos se apresentaram basilares e possibilitaram as reflexões até chegarmos ao lugar, como categoria de análise deste trabalho, elucidando o seu papel nas ações e comportamentos contemporâneos, bem como a participação na concepção de uma educação geográfica.

A terceira sessão, *Processos formativos no IFBA / Valença: pesquisar é preciso*, versa sobre os primeiros passos na construção do grupo de trabalho em Valença, os encontros formativos, representados pelas oficinas desenvolvidas por alguns integrantes do GEOTEC e colaboradores do Campus. Esses momentos representaram espaços singulares de troca de experiências, curiosidades e por que não, dúvidas. Afinal, a partir das inquietações, surgem os questionamentos e deles, todos os demais passos das pesquisas.

Com *O lugar dos partícipes no ato de pesquisar*, chegamos à quarta sessão desse trabalho. Neste ponto emerge a discussão sobre o processo de crescimento no ato de pesquisar realizado pelos alunos, suas andanças e percalços. Reservamos aqui um momento para mostrar como através da pesquisa, os alunos assumiram o papel de pesquisadores e se autorizaram a discutir sobre seus espaços e lugares, se reconhecem como atores e autores presentes e atuantes no processo de ser o ser do lugar.

Finalmente, nas *Considerações, reflexões e inquietações* no momento que representa a finalização dessa etapa do trabalho, apresentamos alguns pontos que julgamos relevantes na análise da atividade desenvolvida. Acredito que não se trata

de uma conclusão, mas de uma “apresentação de perspectivas”, visto que, durante todo o processo de desenvolvimento, percebi o potencial dos alunos e como o ato da pesquisa possibilitou a visão de outros caminhos que não se limitam na produção de texto produzidos por eles, mas também em outros desdobramentos, com caráter criativo, que representam a imersão destes alunos no Projeto e sendo assim, a busca por novos lugares. Neste pensamento, como produto desta proposta, apresento então, um pouco mais que a produção da escrita desses alunos. Buscamos realmente apresentar outro olhar sobre o lugar a partir de suas pesquisas, e juntos construimos um catálogo de divulgação de suas impressões, intitulado Caleidoscópio.

Percebemos também que o trabalho não se encerra aqui, pois buscamos através dele, uma discussão para além das questões instituídas na formação escolar, sobre a percepção de estar/viver/reconhecer o lugar. Desta forma, esperamos no decorrer da leitura, proporcionar uma viagem no espaço e lugar, permeados pela presença da pesquisa na educação, possibilitando novas reflexões e discussões sobre o tema.

I SESSÃO - UMA CONSTRUÇÃO COLETIVA: CAMINHAR É PRECISO

*Não importa onde você parou...
em que momento da vida você cansou...
o que importa é que sempre é possível
e necessário "RECOMEÇAR".
Recomeçar é dar uma nova chance a si mesmo...
é renovar as esperanças na vida
e o mais importante...
acreditar em você de novo.*

Carlos Drummond de Andrade

Acreditar. Eis um verbo que passei a conjugar e vivenciar minhas realizações. Acreditar nas possibilidades, nas “chaves deixadas à beira da estrada”, nos sonhos e objetivos que traçamos para nossa vida. Ao acreditar em uma ideia, fazemos escolhas e estamos fadados aos riscos, às incompreensões, ausências e também aos fracassos. Mas, o oposto também é possível. O grande desafio, na maioria das vezes, é vencer a si mesmo e optar entre o ímpeto e ousadia ou, ficarmos acomodados à sombra da indecisão, inertes perante nossos próprios sonhos.

Tarefa fácil? Não, não é mesmo! Os obstáculos que surgem devem ser encarados como necessários ao crescimento, transformação e aperfeiçoamento próprio e do próprio lugar que vivemos.

Paralelo aos obstáculos, eis a superação que faz parte do nosso processo de crescimento, reafirmando a personificação do desejo se materializando, e acima de tudo, demonstrando que, apesar do misto de sentimentos, estamos progredindo e seguindo o caminho certo.

Entretanto, quando se trata de persistência para o mundo acadêmico, retratado nos percalços para realização de um trabalho de pesquisa, as dificuldades parecem se multiplicar. A pesquisa em si é mais que registrar ou falar de um tema escolhido. É um momento onde quem se propõe pesquisar, experimenta sensações únicas entre tentativas, erros e acertos, choros e risos, onde com facilidade perdemos o trem da linha do raciocínio. Mas há sempre uma sensação de insegurança, medo e desconfiança a ser desafiada neste caminhar: o momento da escrita. Pois, não se efetiva uma pesquisa, sem traçar e registrar seus passos, transcrever as ações ocorridas em todo processo, deixando registrado em papel todas as idas e vindas dessa caminhada.

Mas a escrita nem sempre é uma tarefa fácil, principalmente por ser um ato solitário, permeado por diversos sentimentos a exemplo da angústia, incerteza, melancolia e por que não dizer incompletude e satisfação, tanto com o objeto como o próprio “eu” pesquisadora. Pois essa ação se caracteriza como uma situação de escolhas, entre o que escrever e o que deixar para o próximo parágrafo, mas escolhemos escrever o melhor, as melhores palavras, contudo nem sempre isso é fácil. Apagamos e reconstruímos! Como diz o poema, é necessário e sempre possível recomeçar! Recomeçemos então...

E o recomeço de minha vida acadêmica foi, justamente, através desta pesquisa, que busquei trabalhar com algo que me desperta prazer: meus alunos! Na verdade, não diria que se trata de um trabalho, mas realmente de um prazer, pois estar ao lado desses jovens, é simplesmente rejuvenescedor!

Nessa sessão lhe faço um convite, caro leitor, como quem recebe alguém em casa e se sente a vontade de lhe mostrar cada cômodo. Aqui o convite é para caminhar, seguindo a trilha que foi desenhada em busca desse *lugar* na pesquisa.

O meu convite é para que, ao longo do caminho, possa conhecer um pouco da estrutura dessa obra, oportunizando você, perceber que mesmo através de pequenos passos, os alicerces sendo construídos sob bases sólidas, precisos e consistentes.

Nessa trajetória o mais importante não está representado na consolidação da pesquisa ou no desenvolvimento de um projeto. O grande destaque está evidenciado nas etapas de sua construção, e, principalmente, na percepção do crescimento como aluna, docente, e pesquisadora e atuante na dinâmica da pesquisa. Então vamos iniciar nossa caminhada!

1.1 NOS TITUBEIOS DA PESQUISA À BUSCA DO COMEÇO: DÚVIDAS, MEDOS E INCERTEZAS... TUDO FAZ PARTE!

*Todo aquele que deseja realmente aprender,
precisa ter consciência de que já tem a verdade dentro de si.
Basta apenas despertá-la.*

Paulo Coelho

Realmente, o ato da pesquisa me fez experimentar e relembrar várias sensações do “tempo” de adolescente, principalmente pelo sentimento de incerteza

pelo que estava por vir. Por muitas vezes, a dúvida toma conta de nossas ações e nos questionamos: será por aqui mesmo que devo seguir? A resposta aos poucos nos apresenta, na medida em que vencemos os medos e seguimos em frente.

Se me perguntarem se foi fácil, responderei certamente que não, mas tudo faz parte do aprendizado, do crescimento como pessoa, aluna, pesquisadora e profissional. Mas de algo tinha certeza: que seria possível... Se eu acreditasse, assim seria!

Ao iniciar uma pesquisa, assumimos um risco e ao mesmo tempo um compromisso além de nossos interesses como pesquisadores. Pesquisar se consolida como engajamento com a produção do conhecimento, a viabilização do desenvolvimento à sociedade e com perspectiva das pessoas que se envolveram com a proposta, direta ou indiretamente, conhecerem e vivenciar seu lugar, seu pertencimento.

Pesquisar constitui em conhecer. No entanto, por vezes, os moldes científicos nos assustam, pois a cientificidade oblitera questões que limitam o entendimento acerca da realidade, rompendo com a perspectiva que pesquisar seja um ato intrínseco a ação do sujeito.

Quando crianças, exploramos os espaços ao nosso redor, inicialmente com a visão, depois o tato, em seguida vamos engatinhando, ficamos de pé, e a partir desse momento, o mundo está aberto às nossas descobertas. A vida é uma eterna pesquisa! Pesquisamos tudo e de tudo em nosso cotidiano: o que vamos assistir através da programação da emissora de televisão; sites de compra; busca de um produto com as referências desejadas; produtos em promoção em supermercados; dentre outros inúmeros exemplos que poderiam estar citados aqui, no entanto, compõe o cotidiano vivido das pessoas.

Na academia as pesquisas apresentam maior rigor, uma finalidade mais específica, onde confrontamos algumas teorias existentes, bem como respostas às perguntas sobre temas atuais, ou até mesmo, pesquisas inovadoras, que demandam, por conseguinte, outras inúmeras pesquisas.

A vida é uma eterna pesquisa, mas não precisamos nos comparar aos grandes mestres pesquisadores para desenvolver nosso espírito científico. Venho confirmando isso aos poucos a cada linha que desenho acerca desta produção, e neste procuro demonstrar que jovens, alunos do Ensino Médio, também podem fazê-la, dentro de suas possibilidades, curiosidades, vivências e possibilidades. Mas

retomo aqui o porquê, curiosamente a partir da escola, a pesquisa nos parece assustadora.

Demo (2005, p.12) nos faz refletir acerca disso:

Questão essencial fundamental é tornar a pesquisa o ambiente didático cotidiano, no professor e no aluno, desde logo para desfazer a expectativa arcaica de que pesquisa é coisa especial, de gente especial. Por conta desta crença frívola, o professor também não se entende por pesquisador. Acha que pesquisador é um ser complicado, que faz coisas complicadas, que ele mesmo não estaria à altura de fazer [...] quanto ao aluno, a ideia de o fazer pesquisar pareceria um espanto, uma fantasia, uma megalomania, uma extravagância.

O trecho nos remete a percepção que a pesquisa não pode ser algo místico, que acontece apenas nos meios acadêmicos, leia-se aqui, principalmente no nível universitário, mas especificamente na pós-graduação.

A noção e experiência com a pesquisa deveria estar presente em todos os níveis de ensino, comum da vivência de professores e alunos. Uma ação que ultrapassa as solicitações demandadas como tarefa de casa ou trabalho de grupos, onde os alunos recorrem a novas informações sobre uma atividade à ser apresentada à sua turma na aula seguinte.

A proposta e a inquietações apresentadas, é justamente, revelar uma prática constante em todos os níveis de aprendizagem, mantendo vivo nos alunos e professores, o desejo de pesquisador, como seres curiosos, uma vez que parte da curiosidade é o princípio de qualquer pesquisa. Sejamos então mais curiosos!

A curiosidade e junto a ela a incerteza de onde começar, são sentimentos naturais que precedem toda atividade a que nos propomos realizar, e com a pesquisa não seria diferente. Um leque de possibilidades e vertentes diferenciadas, através de seus métodos e aplicações, e de acordo com o objetivo a ser desenvolvido, caminhamos sobre a trilha de uma abordagem que compreende a pesquisa através da perspectiva do sujeito e do seu processo de imersão junto ao lugar e aos elementos desses sujeitos da pesquisa.

A quantidade e densidade dos pressupostos para uma pesquisa, realmente impressiona, mas aos poucos compreendi que tudo se integra como partes de uma bricolagem, onde cada um deles é responsável por uma modelo/abordagem/forma e maneira de conduzir o trabalho proposto. Segundo Nascimento (2013), a seriedade, complexidade e mesmo o rigor do trabalho não devem representar barreiras à suas flexibilidades e leveza na escrita, muito menos na pesquisa.

Em meio ao turbilhão de questionamentos sobre qual caminho seguir, ainda restava uma pergunta que ecoava: mas o que é uma pesquisa qualitativa? Buscando resposta entre autores, encontrei em Denzin e Lincoln (1994 *apud* SANTÍN ESTEBAN, 2010, p. 125), algo que me chamou atenção:

[...] a pesquisa qualitativa é um campo interdisciplinar, transdisciplinar e, às vezes, contra disciplinar. Atravessa as humanidades, as Ciências Sociais e as Ciências Físicas. A pesquisa qualitativa é muita coisa ao mesmo tempo. É multiparadigmática em seu enfoque. As pessoas que a praticam são sensíveis ao valor de um enfoque multimétodo. Estão comprometidas com uma perspectiva naturalista e uma compreensão interpretativa da experiência humana.

Nesta perspectiva, corroboramos com Nascimento (2013) quando discorre sobre as características da pesquisa qualitativa, sobre os seus aspectos epistemológicos, mas, sobretudo, ontológicos. E justamente por estas características, pelas múltiplas possibilidades que oferece para um estudo de situações no campo social, percebemos sua crescente abordagem no universo acadêmico.

Pensar e *agir* a Pesquisa Qualitativa é tornar a experiência, o contexto e as ações do sujeito como pontos fundamentais, compreendendo que a maior conquista é, na realidade, a possibilidade de transformação humana através do diálogo e do fazer próprio e singularizado. (NASCIMENTO, 2013, p.53)

Nesta busca do saber através da pesquisa, Flick (2009, p. 23) nos apresenta alguns aspectos da pesquisa qualitativa:

I - escolha adequada de métodos e teorias convenientes; II – reconhecimento e análise de diferentes perspectivas; III – reflexão do pesquisador sobre sua pesquisa como produção de conhecimento; IV – variedade de abordagens e métodos.

Tais aspectos definidos pelo autor permitem um encaminhamento da pesquisa que revela seu papel social: a potencialização do conhecimento através de uma investigação social. Um trabalho que vai além de bons autores que irão balizar a proposta, mas, sobretudo, pela reflexão da função da pesquisa, e do reconhecimento de suas possibilidades de aplicação, a partir da valorização do outro – o sujeito da pesquisa.

Outro desafio se encontrava na definição dos pressupostos metodológicos, onde estaria a base do trabalho a ser desenvolvido. Ao iniciar uma pesquisa, inocentemente achamos que escolhemos a melhor abordagem. Ela está presente nas entrelinhas do projeto, apenas não a identificamos de pronto ato.

Neste trabalho fui escolhida pela estratégia metodológica da pesquisa participante, onde há um diferencial em relação às demais abordagens investigativas. Apesar deste diferencial, dentro da dinâmica de ações desenvolvidas no GEOTEC e assim, nas pesquisas engendradas por seus pesquisadores, começamos a pensar/perceber que a própria abordagem metodológica, não daria conta das demandas que nos surpreenderiam e desafiavam a cada etapa do trabalho.

As movimentações que surgiram durante a pesquisa, as diferentes forças que nos impulsionam, incentivam e nos afastam por alguns momentos de nossos objetivos, não consigo dimensionar em palavras. Planejamentos, ações e resultados, são em sua maioria, pensados, repensados, executados em uma dinâmica constante e, e por si mesmo imensurável. Extrapolando assim, as dimensões previstas para uma pesquisa participante.

Contudo, essa metodologia tende a se renovar a cada olhar, a cada análise, como uma *árvore que renova seus galhos a cada estação*, pois em sua essência, pesquisador e os sujeitos imersos na propositiva de investigação visam trabalhar/construir juntos os benefícios aos quais são almejados durante o processo da pesquisa.

Em outras palavras, Gabarrón e Landa (2006, p. 113) nos trazem que:

O processo de pesquisa participante pode criar nas pessoas uma consciência maior de seus recursos e **incitá-las a desenvolver uma confiança maior em si mesma**. Trata-se de um método de pesquisa científica, no qual a participação da coletividade organizada – no processo de pesquisa – permite uma análise objetiva e autêntica da realidade social em que o **pesquisador é partícipe e aprendiz comprometido no processo**. (grifo meu).³

As palavras acima ratificam princípios basilares na pesquisa participante, sobretudo, quando buscamos ressaltar questões como valorização e respeito com o processo em desenvolvimento, especialmente, com os sujeitos diretamente atrelados à pesquisa, seja o pesquisador, mas principalmente, a comunidade envolvida.

Na pesquisa participante, o pesquisador se envolve, mergulha em sua proposta investigativa, mas ao mesmo tempo, se limita a não interferir ou colocar suas impressões e desejos acima dos interesses, dos pensamentos e impressões dos sujeitos na ação.

³ Percebo na citação uma das definições para a essência da pesquisa participante, bem como me identifico como parte desse processo desenvolvido através do Projeto da Rádio da Escola na Escola da Rádio, no IFBA Campus Valença.

O pesquisador se torna integrante, aprendiz e parte da pesquisa, pois nela cresce, desvela, participa e compartilha através de comunicação direta, questões simples e complexas do caminhar da pesquisa, ao passo que vai tecendo seu olhar e, conseqüentemente, seus escritos, transformado e composto de outras opiniões, compartilhadas com os partícipes da investigação.

Nessa pesquisa em particular, estão envolvidos diferentes sujeitos: alunos, professores, pesquisadores, as instituições parceiras (UNEB e IFBA) e outros colaboradores, diretos e indiretos, que num movimento constante, às vezes sincronizado ou não, buscam ajustar os passos tímidos em uma nova dança, e assim, passam a convergir ideias, pensamentos e a criar novos passos em direção ao conhecimento para juntos submergem outra proposta à educação.

1.2 O GEOTEC E O PROJETO *A RÁDIO DA ESCOLA NA ESCOLA DA RÁDIO*: COMPREENDENDO O COMEÇO DE TUDO

Toda caminhada, começa com o primeiro passo. Todo trabalho, se inicia por uma ideia. Toda história, por uma fundamentação temporal. Todo projeto, precisa de uma sustentação, uma equipe. E assim, a história aqui não poderia ser diferente. A construção desta proposta é algo que não cabe na individualidade, nem somente nos traços subjetivos dessa pesquisadora. A sua concretude é celebrada pelo desenho de seus pilares, suas bases que representam toda força, objetivo e perspectivas futuras.

Dentre os pilares, acentuo grande destaque ao grupo de trabalho o qual me acolheu: O GEOTEC. Nele conheci amigos, irmãos, colegas que me ajudaram a desenhar os percursos teóricos – metodológicos através da dinâmica de um processo colaborativo. Aos poucos, alinhamos a dinâmica da minha pesquisa, iniciando as descobertas com o desenvolvimento e notório crescimento crítico dos alunos que se encantaram com a proposta do Projeto, alicerçado nas bases do GEOTEC, este vinculado à linha de Pesquisa 4 (Educação, Currículo e Processos Tecnológicos), do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduC, e a Área de Concentração II (Processos Tecnológicos e Redes Sociais) do Programa de Pós-Graduação em Gestão

Tecnologias Aplicadas à Educação – GESTEC, ambos da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

O GOTEK foi fundado em 2007, e ao longo desses anos, desenvolvendo pesquisas no campo das geotecnologias das TIC como potencializadoras no reconhecimento da dinâmica do espaço. Para Nascimento (2013), uma das pesquisadoras – fundadoras, o GEOTEC apresenta uma base epistemológica consolidada em autores como Milton Santos, Henri Lefebvre, Michel de Certeau e outras, que versam sobre a dinâmica do espaço, bem como obras de Pierre Lévy, Lynn Alves, Arnaud Lima Júnior e Tânia Maria Hetkowsky, às discussões acerca das tecnologias e suas potencialidades.

Ao longo desses anos, o GEOTEC vem desenvolvendo projetos de grande relevância no aprofundamento de discussões sobre o papel das tecnologias nos espaços formativos como potencializador na construção de outras visões a partir da busca por novas possibilidades de aplicação e contextualização, através de um trabalho colaborativo – característica principal do trabalho do Grupo. Como fruto deste trabalho, os projetos vêm representando a base de muitas pesquisas que culminaram em produções de dissertações, teses, além de capítulos de livros e inúmeras publicações em eventos nacionais e internacionais.

Os movimentos que são desencadeados pela dinâmica do GEOTEC vêm potencializando a criação de novos espaços públicos de discussão em outras esferas e instituições, que por sua vez, facilitam, incentivam e retroalimentam a ocorrência desses movimentos, onde a presença da UNEB, através do GEOTEC, proporciona um repensar sobre o fazer educação, no lugar de pertencimento de crianças, jovens e melhor idade.

Instâncias como o Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA, e várias escolas da rede municipal da cidade de Salvador-Ba, sobretudo as que compõem a Coordenadoria Regional de Educação – CRE / Cabula; Colégio da Polícia Militar da rede estadual de ensino, abrangendo os alunos da Universidade da Terceira Idade, tornaram-se espaços de diálogo direto entre a Universidade e a comunidade escolar.

Estes novos espaços são representados, sobretudo, pelos grandes sujeitos que compartilham e produzem, ou melhor, externam, propagam o conhecimento até então subjugado por outras ações. Esses sujeitos são os próprios pesquisadores do GEOTEC, juntamente com os alunos, professores e toda comunidade envolvida no

ato e no processo do pesquisar. As ações nos espaços públicos de educação, as possibilidades de reflexões sobre questões inerentes à própria comunidade, oferecem e possibilitam resultados e repercussões positivas para os sujeitos envolvidos na dinâmica proposta pelo GEOTEC e amparada pela instituição.

Uma confluência de saberes sejam eles científicos (embasados por teorias, questões epistêmicas, correntes filosóficas) ou, simplesmente saberes populares, saberes que acompanham as gerações e gerações de uma família, os quais mesmo sem o teor e o rigor da ciência, caracterizam aquela comunidade que preserva a memória e as tradições e o conhecimento diário dos indivíduos que fazem parte dela.



Figura 1: Dinâmica de relações do GEOTEC

Fonte: a autora

Apresento agora um pouco de um dos projetos do Grupo, ao qual está ancorado esta pesquisa:

A rádio da escola na escola da rádio: resgate e difusão de conhecimentos sobre os espaços da cidade de Salvador/BA: Uma ação iniciada em 2010, com objetivo de reconstruir as histórias dos bairros da cidade de Salvador – BA, através da utilização das geotecnologias, apoiadas na proposta de investigação científica, o qual deu seus primeiros passos no Colégio da Polícia Militar – CPM, unidades Lobato e Dendzeiros, onde pesquisadores do GEOTEC, juntamente com a Equipe do CPM, possibilitaram o envolvimento de alunos do

Ensino Médio ao universo da pesquisa e assim, o (re)conhecimento e valorização da memória e da história de alguns bairros da capital baiana.



Figura 2: Logomarca do Projeto A rádio da escola na escola da rádio

Nesta perspectiva, o Projeto *A Rádio da Escola na Escola da Rádio*, aposta em uma educação científica para os sujeitos envolvidos na proposta, visando a valorização do lugar dos partícipes, através do aprofundamento do conhecimento que eles já possuem e vivenciam em seus lugares, sendo divulgado através da proposta da iniciação à pesquisa. Desta forma, o Projeto possibilita aos partícipes, o reconhecimento e entendimento de seus espaços, bem como a percepção de sua própria identidade com o ser social.

Para mim, e acredito que seja a impressão de muitos daqueles que têm o privilégio de conhecer de perto o grande encantamento que permeia o “Projeto da Rádio”⁴: a dinâmica para promover e desvelar o entendimento do lugar. Isso é possível em função de uma proposta tecida no aspecto investigativo e dialógico acerca dos saberes científico e a valorização das experiências, bem como as observações do mundo.

Por sua característica e possibilidades múltiplas de desenvolvimento, o “Projeto da Rádio”, iniciado no CPM, hoje está presente em outros espaços, e dialogando com públicos de diferentes idades.

Apresento a seguir as diferentes propostas e vertentes do Projeto da Rádio, difundidos em outras instituições, envolvendo públicos distintos, bem como a formação dos pesquisadores, direta ou indiretamente, debruçados na dinâmica, que juntos, impulsionam e potencializam as ações que compõe essa proposta de intervenção:

⁴ Forma abreviada e carinhosa que muitos conhecedores do Projeto A Rádio da Escola na Escola da Rádio, usam para se referir ao Projeto.

I - Memória dos Bairros de Salvador: construindo processos formativos através das TIC na UATI. Pesquisa da Mestranda Débora Alcina Chaves Rego, no espaço da Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI), vinculado a Universidade do Estado da Bahia – UNEB, em Salvador. O principal objetivo dessa proposta consiste em apresentar através da experiência de vida dos partícipes do grupo a percepção e registro de alguns bairros da capital baiana, através do uso e potencialização das TIC.

II - Educação Científica através das TIC: A Rádio da Escola na Escola da Rádio. Projeto desenvolvido pela Mestranda Kátia Soane Santos Araújo, na Escola Municipal Governador Roberto Santos, (conhecida como *Robertinho*, pelos moradores do bairro). A escola fica localizada no bairro do Cabula, na cidade de Salvador e, a proposta é desenvolvida com alunos do Ensino Fundamental II, apresentando como principal objetivo uma discussão sobre o processo de educação científica bem como a implantação de uma rádio escolar, onde serão veiculadas questões abordadas nas pesquisas dos alunos.

III - A Rádio da Escola na Escola da Rádio: uma experiência vídeo documentada com os alunos da rede pública de ensino de Salvador- BA. Nesse projeto de pesquisa, o Mestrando Jordan dos Santos Mendes, faz registro dos relatos de experiências e trajetórias dos alunos envolvidos no Projeto A Rádio da Escola na Escola da Rádio. Esse projeto visa à produção de um filme documentário que pretende difundir / ecoar em outros espaços, os desdobramentos dessa grande proposta de Educação Científica na Educação Básica de escola públicas no Estado da Bahia.

IV – REDEPUB: história e memória das escolas. Projeto do Mestrando Tarsis de Carvalho Santos que abraça a criação de um Portal para publicitar / registrar e divulgar as histórias de escolas da rede pública do estado da Bahia. Inicialmente, a proposta visa atender a micro região do bairro de localização e atuação da UNEB em algumas escolas da rede municipal.

V - O lugar na pesquisa: proposta de investigação com alunos do ensino médio do IFBA - Campus Valença / BA. Projeto desenvolvido com um grupo de

jovens alunos do Ensino Médio Integrado, o qual visa aproximar estes da educação científica, através das discussões e percepções sobre o lugar. Os desdobramentos dessa proposta estão compõem o presente trabalho, e serão mais detalhados na Sessão IV.

O grupo conta com novos desdobramentos para aplicação do Projeto, as quais são:

Nº	Nome do Projeto	Local de aplicação	Pesquisador	Público
01	A Rádio da Escola na Escola da Rádio.	Colégio da Polícia Militar – CPM	Imaira Regis e Maiara da Hora	Alunos do Ensino Fundamental II e Ensino Médio
02	Mobile e práticas da leitura e escrita no ensino fundamental I da Escola Municipal Governador Roberto Santos em Salvador - Ba	Escola Municipal Governador Roberto Santos	Cátia Nery Menezes	Alunos do ensino fundamental I
03	Processos Formativos e representações socioespaciais dos docentes da Escola Municipal Álvaro da Franca Rocha, sobre o bairro da Engomadeira	Escola Municipal Álvaro da Franca Rocha	Silvia Letícia Costa Pereira Correia	Professores da educação básica – ensino fundamental I

Quadro 01: Projeto da Rádio: novos espaços e dinâmicas.

Pesquisador	Instituição / Programa
Tânia Maria Hetkowski - Coord. Geral do Projeto da Rádio	UNEB
Rosângela Patrícia de Sousa Moreira – Coord. Projeto no IFBA	UNEB / GESTEC
Kátia Soane Santos Araújo	UNEB / GESTEC
Jordan Santos Mendes	UNEB / GESTEC
Débora Alcina Chaves Rego	UNEB / GESTEC
Danilo Santos de Sousa	IFBA
Emylle Barbosa Bomfim de Almeida	IFBA
Esaú dos Santos Muniz Júnior	IFBA
Isaias da Silva Sales	IFBA
Layane Assis Costa	IFBA
Tássio Santana de Souza	IFBA
Yasmim Santos da Conceição	IFBA

Quadro 02: Pesquisadores do Projeto da Rádio

Como podemos perceber através dos dados apresentados nos quadros acima, o núcleo de desenvolvimento do Projeto da Rádio, apresenta uma diversificação de profissionais, que dentro de suas particularidades de formação, conseguem compor o mosaico de pensamentos e ações voltados ao êxito da proposta.

Proposta apresentada e desenvolvida no ano de 2013 e 2014 no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA, localizado no município de Valença, interior do Estado da Bahia.

1.3 A RÁDIO NA ESCOLA NO IFBA - CAMPUS VALENÇA

A rede federal de ensino, que hoje conhecemos como IFBA, começou sua história no início do século XX, mais precisamente em 1910, como a primeira Escola de Aprendizizes Artífices, na capital baiana. Ao longo dos anos, a antiga escola de Artífices foi passando por mudanças de nomenclatura como transformações estruturais e curriculares: já foi conhecida como Liceu Industrial de Salvador (1937); Escola Técnica de Salvador (ETS – 1942); Escola Técnica Federal da Bahia (ETFBA – 1965), que, a partir de 1993, com a fusão ao CENTEC (Centro de Educação Tecnológica da Bahia), surge o CEFET (Centro Federal de Educação Tecnológica).



Figura 3: Logomarca do CEFET, utilizada até 2008 na Bahia

Desde 2009, os CEFETs passaram a serem conhecidos como Institutos Federais, ofertando cursos profissionalizantes a nível médio, na modalidade integrada, cursos técnicos, subsequentes ao ensino médio; e, sobretudo, os cursos superiores, em sua maioria, licenciaturas, um diferencial que justificou a mudança de Centro Federal para Instituto Federal.



Figura 4: Logomarca do IFBA, adotada a partir de 2008 pelos antigos Centros Federais na Bahia

Percebemos que o IFBA, apresenta em sua linha do tempo, uma história de mudanças, mudanças positivas, modificações conforme a necessidade da sociedade e o seu comprometimento de uma educação de qualidade.

Presente em diferentes áreas do estado, o IFBA oferece educação técnica em 19 cidades, através de seus Campi ou núcleos avançados, desde a capital do estado, áreas metropolitanas e seu interior, sendo eles: Barreiras, Brumado, Camaçari, Euclides da Cunha, Eunápolis, Feira de Santana, Ilhéus, Irecê, Jacobina, Jequié, Juazeiro, Paulo Afonso, Porto Seguro, Salvador, Santo Amaro, Seabra, Simões Filho, Valença e Vitória da Conquista.



Figura 5: Mapa dos Campi do IFBA, em 2014

Fonte: www.portal.ifba.edu.br/2015

O Campus Valença, espaço onde foi desenvolvido o projeto, está localizado na região do baixo sul do estado, em um bairro periférico de atividade tradicional e devido a esta localização, quando da sua construção / inauguração, na década dos anos 1990, visava atender o desenvolvimento da comunidade pesqueira, o que rendeu até os dias atuais, o pseudônimo de “Escola de Pesca”.



Figura 6: Fachada da entrada do IFBA - Campus Valença

Fonte: Patrícia Moreira, 2015

Desde a sua construção, o *Campus Valença*, vem passando por adaptações na oferta de cursos, buscando atender a comunidade local e as demais que buscam um diferencial na formação dos futuros profissionais baianos. A atual oferta dos cursos, bem como modalidades são resultados de consultas públicas, e atendidas conforme a disponibilidade e liberação de pessoal e recursos pelo Governo Federal.

Ano	Modalidade	Curso	Público Alvo
2001	Cursos Técnicos	Aquicultura Turismo e Hospedagem	Concluintes do Ensino Médio
2005	Subsequente	Aquicultura Informática	Concluintes do Ensino Médio
2003	Ensino Médio	Ensino Médio	Concluintes do Ensino Fundamental II
2008	Ensino Médio Integrado	Aquicultura Informática Guia de Turismo	Concluintes do Ensino Fundamental II
2008	Ensino PROEJA	Aquicultura Informática Guia de Turismo	Alunos maiores de 18 anos, com o ensino fundamental II já concluído
2010	Ensino Superior	Licenciatura em Informática Licenc.em Computação	Alunos com o ensino médio completo

Quadro 3: Evolução da oferta de cursos no IFBA - *Campus Valença*.

Fonte: Elaborado pela autora (GRA do IFBA-Valença, 2014).

Como a demanda de ofertas de vagas, houve também uma reestruturação nos espaços físicos do campus, alguns foram ampliados para disponibilidade de salas de aula, bem como reestruturações de laboratórios para aulas práticas. O Campus mobilizou espaços ociosos, os quais foram replanejados para atender seu corpo discente, bem como, oferecer condições de trabalho para todo quadro de servidores, envolvendo docentes, técnicos administrativos e equipe de trabalho terceirizado.

CATEGORIA	Nº EM 2014	ESPECIFICAÇÕES
Docentes	85	Efetivos – 67 Substitutos – 18
Discentes	963	Ensino Médio Integrado: 574 Subsequente ao Médio: 123 Educação de Jovens e Adultos: 06 Licenciaturas: 260
Técnicos Administrativos	34	Cargos diversos
Biblioteca	01	Climatizada e com acesso a internet
Auditório	01	Climatizado
Salas de aula	19	Ambiente não climatizado
Sala de Música	01	Revestimento acústico, mesa de som e instrumentos
Sala dos Professores	01	Dois ambientes climatizados com infra-estrutura de mini copa, armários individuais e computadores e acesso a internet
Refeitório	01	Capacidade para XXXX alunos; disponibilização de refeição preparada na cozinha do refeitório
Laboratórios de Química	13	Química (1); Física (1); Biologia (1); Aquicultura (2); Matemática (1); Informática, sendo um móvel (7); Multimídias (1);
Ginásio de Esportes	01	Com 1500m ² , 2 sala de ginástica, sala de musculação, sala de atendimento para Profº Educação Física
Ônibus para atividades externas (aulas de campo e visitas técnicas)	03	Ônibus leito, capacidade 54 passageiros (1); Micro-ônibus para 28 passageiros (1); Sprinter Para 20 pessoas (1).

Quadro 4: Descritivo da estrutura de pessoal e espaços físicos do IFBA - Campus Valença

Fonte: Elaborado pela autora (Diretoria de Administração do IFBA – Campus Valença, 2014)

Através dos dados apresentados, sejam da estrutura física ou pessoal, percebemos que o Campus Valença oferece um espaço amplo e com capacidade para o desenvolvimento de outras atividades, para além da sala de aula.

Buscando esse desenvolvimento, muitos alunos se engajam em projetos diversos, no intuito de aprimorar seus conhecimentos e habilidades, ocorrendo

assim, projetos na área de química, física, biologia, artes (música, pintura e dança), e também, pesquisa de iniciação científica.

Segundo informações apresentadas pela da Coordenação de Pesquisa no último Seminário de Pesquisa do Campus Valença, realizado em dezembro de 2014, a Instituição apresentou um crescimento referente ao número de pesquisas desenvolvidas no Campus, sobretudo, para os alunos do Ensino Médio Integrado. O aumento está evidenciado através do quantitativo de bolsas destinadas ao Programa Institucional de Bolsa a Iniciação Científica Junior – PIBICJr, e ao Programa de Assistência e Apoio ao Estudante – PAAE e Programa de Iniciação à Aprendizagem – PINA, para esse seguimento de ensino.

As ações de incentivo geraram um aumento significativo de alunos envolvidos em projetos em diferentes áreas no Campus Valença. Esses alunos passavam por uma seleção interna, proposta pelo programa de Assistência Estudantil, que seleciona através daqueles de maiores vulnerabilidade social, alunos que recebem auxílio financeiro (destinado a transporte, moradia, alimentação, fardamento), e bolsas para participam de projetos desenvolvidos no Campus.

Uma demonstração de que nossos alunos, mesmo no Ensino Médio, estão aptos aos princípios da pesquisa. Basta que acreditemos em uma educação com outras possibilidades de aprendizagem e uma delas é através do desenvolvimento da pesquisa na educação básica.

2 O LUGAR NA PESQUISA E A PESQUISA DOS LUGARES: CAMINHOS EPISTÊMICOS

*Quem somos nós, quem é cada um de nós
senão uma combinatória de experiências,
de informações, de leituras, de imaginações?
Cada vida é uma enciclopédia,
uma biblioteca, um inventário de objetos,
uma amostragem de estilos,
onde tudo pode ser completamente
remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis.*

Italo Calvino

Você sabe onde está agora? Que lugar é este? Sente-se confortável, seguro, querido? Seria possível estar em outro lugar e manter as mesmas sensações? Arrisco em dizer que não! Existem certos lugares que nos identificamos, seja por suas características físicas, como um campo aberto, uma estreita faixa de grama a beira de um riacho, onde podemos sentar contemplar e desfrutar toda beleza. Existem também outros espaços mais íntimos, como o lugar de nossa casa, nosso cantinho, mesmo que não seja o quarto, a nossa cama, mas aquele cantinho do lado direito do sofá da sala, onde junto com outros familiares e amigos, compartilhamos o nosso dia a dia.⁵

Já que citei o espaço comum da família, falarei dos espaços que as pessoas, compartilham, como por exemplo, o bairro, sobretudo, a rua: lugar onde nascemos, crescemos e ao longo dos anos, tornam-se cúmplices de suas, ou seriam de nossas transformações. Aquela rua de chão batido, sem calçamento, onde brincávamos às noites, e nos escondíamos sobre alguns galhos de árvores, hoje esse lugar, normalmente, é o lugar de calçadas irregulares, estacionamentos em diagonal, e pontos comerciais. E as árvores? Infelizmente (possivelmente), não existem mais, e não subimos mais em seus galhos.

Inevitavelmente, crescemos. Todos crescemos! E então, aos poucos alçamos conhecer outros espaços e assim, descobrimos e buscamos outros lugares. Esse

⁵ Cabe aqui uma breve distinção entre lugar e local: aparentemente vistos como sinônimos, o local nem sempre representará um lugar, entretanto, o lugar sempre carrega uma localização, e fenomenologicamente, apresenta características de refúgio, espaço topofílico / topofóbico, gostos e sabores, bem diferentes de uma simples localização.

exercício natural da sociedade, o desejo e necessidade de outros espaços para o desenvolvimento social, não abandona o sentimento de pertencimento ao nosso lugar⁶ e a incorporação de novos lugares a nossa vida.

E nesse pensar, nos reportamos a Tuan (1983, p.3), quando afirma que “o lugar é a segurança e o espaço a liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro”. Faz parte da natureza humana a busca e a descoberta - o experimentar e o exercitar a vivência em novos espaços. Porém nunca deixamos de eleger, por assim dizer, um sentimento de identidade com aquele que temos intimidade, o qual é tão familiar em seus signos e particulares nos seus significados, o nosso porto seguro, o nosso lugar de refúgio.

Mas hoje, até esse lugar, que julgamos e esperamos ser sagrado perante o mundo, ganha outra configuração. O lugar vem sendo, a cada dia, invadido pelo mundo! Nosso “universo particular” passa a receber influências do mundo externo, e assim, passa a ser um lugar de múltiplas referências, híbrido em seu conjunto, contextos e sentimentos. Porém, não deixa de ser o nosso lugar!

Nesse sentido, o objetivo desta sessão é promover uma discussão e reflexão sobre o conceito que norteia este trabalho, em diferentes abordagens, desde aquelas que trazem o lugar como algo íntimo, próprio e sagrado, até as discussões que nos apresentam o lugar como algo mais complexo nesse mundo contemporâneo.

2.1 ENTRE O ESPAÇO E O LUGAR... UM OLHAR SOBRE O LUGAR

A arte de ser feliz

*Houve um tempo em que minha janela se abria
sobre uma cidade que parecia ser feita de giz.
Perto da janela havia um pequeno jardim quase seco.
Era uma época de estiagem, de terra esfarelada,
e o jardim parecia morto.
Mas todas as manhãs vinha um pobre com um balde,
e, em silêncio, ia atirando com a mão umas gotas de água sobre as plantas.
Não era uma rega: era uma espécie de aspersão ritual, para que o jardim não morresse.
E eu olhava para as plantas, para o homem, para as gotas de água que caíam de seus dedos magros
e meu coração ficava completamente feliz.*

⁶ Edward Relph (2012) faz uma ressalva sobre a crucial e necessária distinção entre lugar e lugares em uma análise geográfica. Enquanto esse estaria voltado às comparações de diferentes partes do mundo, aquele seria um estudo direcionado à compreensão da forma de relacionamento entre a sociedade e o meio.

*Às vezes abro a janela e encontro o jasmineiro em flor.
 Outras vezes encontro nuvens espessas.
 Avisto crianças que vão para a escola.
 Pardais que pulam pelo muro.
 Gatos que abrem e fecham os olhos, sonhando com pardais.
 Borboletas brancas, duas a duas, como refletidas no espelho do ar.
 Marimbondos que sempre me parecem personagens de Lope de Vega.
 Às vezes, um galo canta.
 Às vezes, um avião passa.
 Tudo está certo, no seu lugar, cumprindo o seu destino.
 E eu me sinto completamente feliz.
 Mas, quando falo dessas pequenas felicidades certas,
 que estão diante de cada janela, uns dizem que essas coisas não existem,
 outros que só existem diante das minhas janelas, e outros,
 finalmente, que é preciso aprender a olhar, para poder vê-las assim.*

Cecília Meireles

O que seria de nós sem nossas lembranças? Lembranças do tempo de infância, de lugares passados onde construímos e fizemos parte da história de locais que talvez nem existam mais? Uma imagem, uma música, uma frase e/ou até mesmo cheiros. Tudo pode nos remeter a alvitre de ordem coletiva, mas principalmente com características individuais, particulares de um lugar.

Nessa visão, compreendemos que o lugar se apresenta inicialmente como um refúgio, um espaço íntimo carregado de sentimentos e significados, onde é notória a manifestação da subjetividade, representada pelo olhar particular em perceber ao seu modo, esse mesmo lugar, como um espaço de conexões e sentido ímpar.

Contudo, o mesmo lugar é repleto de conteúdos significativos para cada pessoa, que a depender da referência e interferências, pode até não mais existir. Essa hipótese é bem provável em nossos dias, em decorrência das transformações sofridas por ordens do próprio desenvolvimento local. E assim, dentro da análise fenomenológica, a sensação de atração e pertencimento, também podem deixar de existir.

O mesmo lugar, também pode ter outras interpretações, quando passamos reconhecer que o mesmo passa a sofrer interferências do mundo externo, absorvendo características e se redefinindo. Uma verdadeira troca, em um eterno e contínuo ir e vir de informações e comunicações. E nesse movimento pendular, aquele lugar particular, passa a ter outras referências, agora coletivas, sendo percebido, interpretado e vivenciado por toda sociedade, cultuado e visto por diferentes olhares.

Por anos, as grandes discussões presentes na ciência geográfica, apresentavam questões sobre as interpretações de seus conceitos chaves, entre eles o espaço e o lugar. Um dos principais pontos estava na busca por elucidar situações relacionadas à aplicação, deixando claro alguns pontos divergentes entre a visão, uso e análise, ora utilizados, naturalmente, no cotidiano social e ora usado, apenas, no discurso geográfico.

Como ciência social a Geografia tem como objeto de estudo a sociedade que, no entanto, é objetivada via cinco conceitos-chaves que guardam entre si forte grau de parentesco, pois todos se referem à ação humana modelando a superfície terrestre: paisagem, região, espaço, lugar e território. (CORREA *apud* CAVALCANTI, 1998, p. 88)

Estes conceitos encontram-se no cerne das grandes discussões acadêmicas além dos limites das questões geográficas, pois alguns destes, também, são comuns a outras ciências. Porém na análise geográfica, esses conceitos apresentavam um caráter único, buscando uma interrelação entre as questões físicas e suas transformações a partir das intervenções da sociedade. Em uma análise integrada, os conceitos permitem e convergem para uma compreensão do próprio espaço vivido, carregado de sentimento, e possivelmente, o lugar se apresenta como um dos melhores conceitos no que tange a análise dos espaços de vivência para o planejamento, dada a proximidade dos agentes com estes espaços vividos.

Para essa sessão, buscaremos discorrer sobre estes dois conceitos, no intuito de demonstrar algumas percepções de diferentes autores, em uma linha de encontrar um ponto de equilíbrio sobre as nossas interpretações, sobretudo, quando nos referimos ao lugar, como abordagem e categoria de análise norteadora desse trabalho.

Para começar, um simples questionamento: afinal, o que é o espaço? Na Geografia existem diversas categorizações para o termo espaço geográfico, ou simplesmente espaço (CORRÊA, 2012), presente em várias situações do nosso cotidiano, sendo utilizado e associado para diferentes conotações, desde aqueles significados mais simples como questões onde está localizada uma pequena vila até abrangências maiores, como fenômenos em escala global. Corroboramos assim com Santos 2005, quando percebemos que espaço compreende a totalidade, e nesse sentido, ao destacar que o espaço é o global e ao mesmo tempo, local, provocando interferências advindas de outros lugares.

O espaço, como conceito basilar da Geografia, por muito tempo, foi palco de discussões e grandes reflexões de especialista no assunto e também de outras ciências. Na contemporaneidade, é inegável a observância que os espaços, sejam estes concebidos pelos tradicionalistas, críticos ou humanistas, eles não se apresentam de forma homogênea, o que resulta em áreas que se desenvolvem de forma desigual e combinada (SMITH, 1988).

O que caracteriza o espaço geográfico atual? Os objetos que o constituem são **objetos técnicos, intencionalmente concebidos para o exercício de certas finalidades**, intencionalmente fabricados e intencionalmente localizados. A **ordem espacial assim resultante é, também, intencional. Frutos da ciência e da tecnologia**, esses objetos técnicos buscam a exatidão funcional, aspirando, desse modo, a uma perfeição maior que a própria natureza. Desta maneira, **são mais eficazes que os objetos naturais e constituem as bases materiais para as ações mais representativas do período**⁷. (SANTOS, 2005 p.166) (grifo meu)

O fragmento acima nos traz uma questão e algumas reflexões. Percebemos que, o autor ressalta o discurso em que o espaço, como híbrido, está representado pelo o que ele mesmo designou em *sistema de objetos e sistema de ações*, configurando aos diferentes espaços, distintas possibilidades de desenvolvimento e transformações espaciais conforme as necessidades da sociedade, da economia, mas em atendimento às questões globais, à totalidade.

O dado global, que é o conjunto das relações que caracterizam uma dada sociedade, tem um significado particular para cada lugar, mas este significado não pode ser apreendido senão no nível da totalidade. (SANTOS, 2005, p.32)

A partir desse pensamento, percebemos que o espaço mesmo no aspecto geral de suas relações, apresentará particularidades em cada lugar. Isso significa dizer, que os reflexos da dinâmica global, se manifesta de forma ímpar em cada subespaço do espaço global.

Mas e o lugar? Onde estaria o lugar neste espaço global? Seria ele responsável pelas particularidades e horizontalidades? Poderia o lugar trinar sobre o espaço?

Antes de delinear arguições a estas inquietações, nos remetemos a algumas discussões sobre o espaço, iniciando pelas questões do espaço miltoniano, onde

⁷Em meus grifos busco ressaltar que, através do discurso do autor, fica clara a percepção sobre a dinamicidade do espaço geográfico, representada pelos elementos tecnológicos pensados e implementados segundo a necessidade da sociedade, e assim, essa intencionalidade, tende a modificar muito mais o lugar, se em comparação as possibilidades de transformação da natureza.

para o autor, o espaço, apesar de inúmeras considerações, deveria e só poderia ser visto como totalidade (SANTOS, 2005). Essa defesa se refere a uma visão intrínseca entre o espaço e a própria sociedade. Uma relação indivisível, indissolúvel, ou até mesmo, incontestável. Contudo, mesmo na totalidade o espaço para ser compreendido, deve ser analisado através de suas partes (SANTOS, 1996), como um *quebra-cabeça*,⁸ em que cada peça iria apresentar e representar tramas e amarrações (pontos, nós e redes), fenômenos cada vez mais conectados, desencadeando uma completa interpretação total do espaço.

Aqui, ousa chamar essas pequenas peças do quebra-cabeça, de lugar. O lugar como pequenas representações de um espaço total, fragmentado, cheio de experiências, vivências e significados.

O mesmo lugar que aparece em Tuan (1980), como o recolhimento, e que para Bachelard (1974), é apresentado através da metáfora do *ninho*, para Santos (2005), representa o palco das transformações, do movimento e da dialética entre o sistema de objetos e o sistema de ação, que ao caracterizar o espaço, antes, caracterizam o lugar. Ou seja, o lugar é o ponto de partida e chegada das transformações, dos referenciais de identidade e convergência dos movimentos que transbordam ao mundo.

Corroboro com Buttmer (1982), quando considera o lugar como o mundo vivido, e complemento que este se apresenta repleto de ações e processos que o dinamizam e o transformam, aproximando-o do mundo, o qual lhe apresenta referências globais, sem ao mesmo tempo, perder sua essência singularizada, eternizada pelo tempo.

Tempo. O grande agente transformador em qualquer âmbito de nossas análises sejam elas sociais ou espaciais. Sempre quando retornamos após alguns anos aos lugares guardados em nossa memória, percebemos algo diferente no ar, e quase sempre, suspiramos aquela frase clichê: “É... o tempo passou por aqui...”.

Em Oliveira (2012), encontramos a noção de lugar a partir da percepção temporal, onde o

[...] Lugar e tempo se nos apresentam frequentemente intimamente ligados. Percebemos e sentimos a realidade temporal acoplada ao lugar, ao espacial [...]. A concepção atual de lugar é de tempo em espaço; ou seja, lugar é

⁸ A ideia do lugar como de peças de um quebra-cabeça, trás a mensagem de fragmentações ou pequenos recortes, ao passo que cada pequena peça, cada uma representando o lugar, ao serem contempladas em conjunto, revelam o espaço total.

tempo lugarizado, pois entre espaço e tempo se dá o *lugar*, o movimento, a matéria. (p.4-5)

Em outras palavras, o lugar estaria representado, sobretudo, no espaço temporal. Talvez por isso, guardemos em nós o sentimento de pertencimento com determinados lugares e nos reportemos a estes através de lembranças e experiências vividas. Um saudosismo que apenas nós buscamos e propomos a compreender. E, dessa forma, as referências que caracterizam (ou caracterizavam) aquele espaço particular, que chamamos de lugar, permanecem eternizadas em nossa memória.

Em outra linha de discussão, Massey (2008), vem propor uma percepção diferenciada do lugar, a partir do evento da globalização, e uma análise do espaço e consequente o lugar através de todo processo ali subentendido. Os espaços são expandidos, sejam pelo conhecimento, ou relações de afetividade. E neste ponto, surge uma provocativa que estremece algumas colocações citadas, baseadas na definição do lugar a partir da Topofilia⁹ apresentada por Tuan (1980).

Se o previamente distante de fato está ficando muito perto, para nosso conforto, se, no seu ponto de vista, **as margens estão, de fato, invadindo demasiadamente o centro**, então, além de bradar para os mecanismos de forças de mercado e da discriminação **reorganizem sua locação e escolham seus vizinhos**, você pode agora soltar-se ainda mais, vivendo pelo menos **parte de sua vida em outro espaço purificado**, na Net. (MASSEY, 2008, p.144) (grifo meu).

Nos grifos que destaco acima, busco chamar a atenção para algo que parece simples ao nosso viver. Estamos a cada dia, expandindo nosso lugar, mas sem perder a essência daquilo que nos/os representa. O que a autora traz como “as margens invadindo o centro”, eu percebo que o centro também está ampliando seus limites, saindo da redoma.

Percebemos através de Massey, outra forma de conceber o lugar a partir da contemporaneidade, onde os espaços, em outros contextos históricos, estavam distantes, e as pessoas se mantinham em seus lugares. Com a globalização, as distâncias não existem são pequenos detalhes e a vivência em outros lugares, até

⁹ Denominação criada e apresentada pelo geógrafo humanista Yi-Fu Tuan ainda na década de 1970, onde o termo “topus” vem do grego que significa lugar, enquanto “filó” nos remete ao significado de amizade, afinidade, amor. Em sua obra de mesma denominação, o autor apresenta uma discussão acerca das relações entre as pessoas e o meio ambiente, ou o próprio espaço físico, definido ali por lugar. Nessa forte relação, os sentimentos de pertença, valores e atitudes são pontos de forte abordagem na obra Topofilia.

de forma virtual, é algo extremamente possível. Entendemos assim, que o lugar nem sempre pode ser visto como algo intocável, puro e sem interferências externas. A própria eminência da globalização acentuou as singularidades do lugar.

Os lugares não se apresentam como locais estáticos, intocáveis e alheios às transformações do mundo externo. As transformações que ocorrem, estão representadas também a partir das pessoas vivem naquele lugar. As múltiplas possibilidades de relações e trocas de experiências entre novos moradores ou apenas transeuntes, apresentam aos poucos, novas configurações àquele lugar ao qual eternizamos na memória, e que o tempo e com o tempo, aos poucos, passa a adquirir novos sentidos e significados às novas gerações.

2.2 UMA PAUSA PARA O LUGAR: DO NINHO PARA O MUNDO

O meu lugar
 É caminho de Ogum e Iansã
 Lá tem samba de manhã
 Uma ginga em cada andar
 O meu lugar
 É cercado de luta e suor
 Esperança num mundo melhor
 E cerveja pra comemorar
 O meu lugar
 Tem mitos e Seres de Luz
 É bem perto de Osvaldo Cruz
 Cascadura, Vaz Lobo e Irajá
 O meu lugar é sorriso, é paz e prazer
 O seu nome é doce dizer
 Madureira
 Ah que lugar
 A saudade me faz lembrar
 Os amores que tive por lá
 É difícil esquecer
 Doce lugar
 Que é eterno em meu coração
 E aos poetas traz inspiração
 Para cantar e escrever
 [...].

Arlindo Cruz

Realmente, não há lugar como aqueles que nos identifica e nos representa. O qual exala sentimentos e tudo nos faz sentir protegidos, velados e acolhidos entre ruas e ladeiras, pessoas e cantos de pássaros. O nosso lugar é uma pausa para as loucuras, para o corre-corre do mundo, mas também, o mundo em um só lugar.

Curiosamente, ao buscar no dicionário online¹⁰ o significado de lugar, fui surpreendida pelo leque de possibilidades para sua descrição, significados e possíveis interpretações. Já na WEB¹¹ o resultado foi espantoso, pois o termo lugar foi associado a várias questões, das mais diversas naturezas.

Segundo Oliveira Jr. (2012):

Lugar é ao mesmo tempo conceito e palavra. Como conceito circula em várias comunidades e pensamentos científicos, acadêmicos e escolares. Como palavra se lança na sociedade, participando de pensamentos e ações múltiplas e multifacetadas [...]. (OLIVEIRA JR, 2012, p. 120)

O lugar pode apresentar vários significados a depender do ponto de vista de quem o analisa, sendo também diversas suas aplicações, pois atualmente, a expressão vem apresentando um crescente interesse de estudos por diferentes áreas e profissionais (filósofos, sociólogos, arquitetos, engenheiros, profissionais de saúde), onde as discussões ampliam aspectos humanos e fenomenológicos.

Aqui, nesta proposição investigativa, em consideração a própria natureza do trabalho apresentado e das ações desenvolvidas no Projeto da Rádio, buscamos levantar uma discussão sobre lugar que, ressalte o sentimento apresentado e externado pelos alunos: a fenomenologia, mas de uma forma, que não nos limitasse a essa descrição.

Com o tempo, compreendemos que, o lugar discutido por Tuan (1980), não daria conta das discussões aqui presente, uma vez que a proposta alça voos, que transcendem a questão do lugar como recolhimento. Contudo, esse pensamento fenomenológico é o que mais descreve a percepção de lugar para os agentes envolvidos na proposta desenvolvida.

Coube então, a responsabilidade de delinear um discurso entre as ideias oriundas da Geografia Humanista e da Geografia Crítica, cuidando para que, mesmo em visões distintas sobre o lugar, houvesse uma completude e não uma contradição ou anulação dos discursos¹². Lembramos que Gomes (1996, p.310), faz uma

¹⁰ No site <http://www.dicionariodoaurelio.com>, acessado em abril de 2014, foi possível encontrar dezesseis possibilidades para descrição de lugar, as quais variavam desde aspectos locacionais, questões gramaticais e até pontos geométricos.

¹¹ Na WEB, ao acessar o navegador do Google Brasil e solicitar uma busca através da palavra lugar, o site ofereceu uma infinita lista de possibilidades para me atender. Ali estavam listados links para acesso a páginas de imobiliárias, Wikis, comunidades, imagens, assim como letras de músicas e blogs de pessoas que tem no termo lugar o principal assunto de discussão ou divulgação de suas ideias.

¹² Não cabe neste trabalho uma descrição ou abordagem minuciosa das correntes do Pensamento Geográfico. Nosso maior objetivo versa sobre uma discussão do lugar a partir das percepções de

ressalva sobre a importância da subjetividade para delinear o humanismo e acrescenta que “o espaço e suas propriedades não se reduzem a medições numéricas... e desta maneira, o espaço é sempre um lugar, isto é, uma extensão carregada de significações variadas”.

Desta forma, reconhecemos que a ideia do lugar como *espaço* das relações e sentimentos (TUAN, 1980), bem como através das percepções, do pensamento e, sobretudo, de um diálogo entre o ser e meio (BUTTIMER, 1982), constituíram aspectos primazes às descobertas e primeiros passos sobre esta discussão pelos partícipes do Projeto.

Aos poucos, no decorrer das discussões, reuniões e compartilhamento das descobertas, todo o Grupo (entre alunos e a própria pesquisadora), passaria a perceber aquele simples lugar como reflexo do global. Gradativamente, se desvelava aos nossos olhos, situações e contextos, nas quais as questões tecnológicas também estariam presentes e interferiam no modo de pensar e viver o lugar. E desta forma, se materializava o lugar percebido e apresentado como um microcosmo (RELPH, 2012, p. 31), em que as inter-relações (internas e externas) acontecem em um plano constante.

Ao se apropriar de muitas leituras percebemos e compreendemos o espaço através das suas nuances que lhes representam. Nos dias atuais, apenas sobrevivemos conforme as dinâmicas dos movimentos contemporâneos e de transformações representativas, as quais muitas vezes ficam alheias à percepção e constituição do lugar, devido ao ritmo de vidas apressadas, regradas pelo tempo cronológico, que terminam por reduzir momentos de contemplação dessas frações do espaço.

Mesmo não observadas, essas pequenas partes desse quebra-cabeça, absorvem características próprias. Signos e formas ganham novas conotações ao longo do tempo e através da sociedade que em seu cotidiano, imprime suas marcas e registra mais um capítulo de sua história, caracterizando assim o seu lugar.

Assim os lugares enquanto áreas definidas da metrópole podem ser analisadas enquanto espaço material onde se inscrevem os atos de gerações e onde o processo de apropriação aparece como condição necessária à vida que se realiza no e através do uso. Mas o uso não é um simples ato de consumo, ele coloca acento sobre as relações entre as

peessoas com o espaço no plano do imediato, no nível das relações de vizinhança, na construção de uma identidade concreta. (CARLOS, 1996, p.69)

A partir das argumentações da autora, percebemos que as concepções de lugar perpassam os espaços recortados e, talvez marcados por questões especulativas através do capital – característico nas grandes metrópoles e suas áreas metropolitanas – aos espaços onde nutrimos um sentimento que não apresenta valor a ser mensurado, pois está voltado aos sentimentos que exercemos pelos espaços, pelas pessoas que o compõe e pelo nosso fazer diário. Os espaços que vivemos, quer seja o ambiente de trabalho, na rua, no bairro ou no sentido mais amplo, nossa cidade, todos eles compreendem nossos lugares.

Os lugares são repletos de sentimentos e lembranças. Personalidades e sentidos. Poderíamos nutrir sentimentos por espaços ainda não conhecidos, explorados, experimentados? Os espaços precisam ser vividos. Precisam ser experimentados. Precisamos viver e perceber, conviver, e fazer parte das transformações, para que possamos aspirar e transpirar o lugar. E aqui, não outros, senão o Tuan (1983) embasa nossa opinião, pois somente podemos perceber o lugar a partir das nossas experiências, através de sentimentos múltiplos, sejam eles de uma vida inteira ou de breves momentos, todos vivos na memória, além da razão e conciliação com a emoção (OLIVEIRA, 2012).

Recordações, lembranças, imagens vivas ou opacas guardadas e arquivadas em nossa mente. Todos são caminhos, trilhas que nos conduzem a lugares comuns, e ao mesmo tempo, particulares, que somente nós sabemos enxergar/sentir e definir esses lugares de maneira única, pessoal e inigualável.

Muitos deles se fazem presentes em nossas lembranças, que não precisamos estar fisicamente para senti-los, pois somos transportados através de uma viagem do nosso imaginário¹³, imbuídos de sentimentos diversos, envolvidos em sons, cheiros e lembranças, e assim, estamos lá.

Para Certeau (2008, p.189) “A lembrança é somente um príncipe encantado de passagem [...]. O que impressiona mais aqui, é o fato de os lugares vividos serem como presença de ausências”. Os lugares parecem caracterizados por lembranças,

¹³ Esse imaginário citado deve ser compreendido como algo que vive e está presente em nosso subconsciente, e não pelo senso comum no sentido de mera imaginação. Isso porque entendemos que ao relembremos lugares que nos marcaram, viajamos em nossas lembranças e por alguns momentos, imaginamos por mais uma vez, fazer parte daquele lugar, vivo e bem definido em nossa memória.

experiências vividas, recordações de um tempo passado ou até mesmo, de um presente constante, que se mantem vivos em nós, e em todos os sujeitos de maneira única, constituindo, um mundo particular, habitado por olhares singulares, que se entrelaçados, formam um inigualável caleidoscópio sobre “aquele” espaço.

Um caleidoscópio de sentimentos e subjetividades, pois a cada olhar, o lugar se constitui à sua maneira, uma vez que, por mais simples ou exuberante que seja o lugar, para diferentes sujeitos ele terá expressões e sentidos, também diferenciados pontos de vista que, mesmo não opostos, não serão de todo iguais, guardarão suas singularidades. A toponímia não é a emoção humana mais forte. Quando é irresistível, podemos estar certos de que o lugar ou meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente forte ou é percebido como um símbolo (TUAN, 1980, p.107).

Percebemos e concordamos com o autor que o lugar pode ser descrito por vários ângulos, onde através dos sentimentos mais íntimos, a relação da sociedade com o espaço é única para cada pessoa. Desta maneira, apenas o lugar, como espaço experienciado, é capaz de provocar o afloramento de sentimentos, a erupção de sensações ímpares e, da mesma forma, é também responsável pela manifestação dos sentidos que os/nos referencia e identifica, tal como os demais animais, porém de uma forma mais complexa. Conhecer um lugar é desenvolver um sentimento topofílico ou topofóbico. Não importa se é um local natural ou construído, a pessoa se liga ao lugar quando este adquire um significado mais profundo ou mais íntimo (OLIVEIRA, 2012, p. 12). Para complementar o pensamento,

Estimo lugares onde nunca estive pessoalmente, porém a mim transmitidos por amigos, parentes ou pelos meios de comunicação tradicionais ou pela parafernália emitida pela computação [...]. Ambivalentemente admito que abomino ou rejeito diversas porções espaciais de minha própria cidade ou do meu país. (MELLO, 2012, p.33)

Em contraposição ao sentimento de *topofilia*, ao sentimento de amor, afetividade que nutrimos ao lugar, existe a possibilidade do desenvolvimento da *topofobia* Tuan (1980), a partir do desenvolvimento de aversão, repúdio ou receio em estar em determinados ambientes. Locais onde, sobretudo, o medo e a angústia ocupam espaço da alegria e prazer. Posso exemplificar com ex-penitenciários, pessoas que foram torturadas ou sofreram qualquer outro tipo de maus tratos, ao retornarem àqueles lugares, revivem situações angustiantes e desagradáveis. Outro exemplo, sobre a topofobia é aquele notórios em alguns jovens, sobretudo,

adolescentes, que em espaços escolares, sofrem com a situação do *bullying*, praticado por colegas.

Cabe salientar que na discussão deste trabalho, os alunos envolvidos no desenvolvimento da proposta, demonstraram um forte sentimento de pertença, laços afetivos e reconhecimento e defesa sobre seus lugares, criando assim, uma identidade, com relação harmoniosa e desacelerada ao viver o espaço generalizado.

E com todo esse dinamismo vivido no espaço, segundo Oliveira (2012), o lugar está associado a uma pausa, em contradição ao constante movimento daquele, a sua dinâmica e forma de ser. Essa pausa estaria presente para um momento de valorização espaço e das relações sociais, da identificação e reconhecimento do lugar (BOMFIM, 2012, p.41).

Esse lugar aparece como o ponto central das significações, e para nós, está mais para o “olho do furacão”, mostra-se como o ponto central para o estabelecimento de relações entre sociedade e o meio, acontecendo de forma inevitável e ao mesmo tempo, indispensável para a existência da própria sociedade.

O estudo do lugar abre um leque de possibilidades para uma compreensão geográfica no âmbito mais próximo das escalas de análise trabalhadas na Geografia. Através desta ciência é possível compreender não apenas o mundo (CALLAI, 2011), mas os vários mundos presentes nas mais diversas pessoas, nos mais variados lugares deste mundo. A compreensão do lugar a partir da ótica da Geografia permite a compreensão da própria sociedade, percebendo para além de uma discussão determinista, as transformações presentes no espaço ocupado, vivido, transformado e assim, caracterizado por um grupo social.

A capacidade de perceber como é o lugar, qual a sua conexão com o mundo, quais as possibilidades de fazer frente às injunções externas passa a ser fundamental para fazer as escolhas e definir as formas de ação e de organização e, em decorrência, também para compreender o mundo. (CALLAI, 2011, p. 17)

A Geografia é a ciência que, segundo a própria grafia, estuda a Terra, o mundo. Contudo, para compreender o mundo, precisamos seguir alguns caminhos, reconhecer e aplicar alguns conceitos, localizar as ações, perceber, acompanhar e compreender as transformações que nos cercam. O exercício aparentemente fácil de compreender as transformações, não é realizado por pesquisadores, professores e profissionais da educação, que simplesmente passam por estas. Este exige um olhar atento aos detalhes, palco deste das transformações sociais, onde *o homem*

usa, destrói/constrói/modifica a si e a natureza (KAERCHER, 1999, p. 11), constituindo no nosso espaço cotidiano.

2.3 A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E AS TIC NAS ASPIRAÇÕES E TRANSPIRAÇÕES DO LUGAR

Para iniciar proponho uma reflexão: qual a diferença entre ensino de Geografia e Educação Geográfica? Para alguns a primeira vista, apenas a grafia poderia ser diferente, mas há distinção e neste sentido, iremos esclarecer esses dois conceitos.

Podemos dizer aqui, que o Ensino de Geografia pode ser referenciado ao cumprimento de um programa, estabelecido por normativas ou parâmetros educacionais, voltados a apresentar aos alunos como parte de um programa de formação, validados através de uma avaliação, Rego (2007). Contudo a grande distinção se apresenta ao passo que estes mesmos conteúdos podem ser abordados através de prática contextualizada, a qual possibilite aos alunos a compreensão dos fatos em seu cotidiano. Desta forma, a Geografia deixa de ser uma disciplina pertencente a uma grade curricular de uma série ou curso, e passa a ser integrante da vida diária dos alunos.

Fazer a educação geográfica requer o esforço de superar o simples ensinar Geografia “passando os conteúdos”, e procurar com que os alunos consigam fazer as suas aprendizagens tornando significativos para as suas vidas estes mesmos conteúdos. (CALLAI, 2011, p. 15)

Neste olhar, a Educação Geográfica passa a fazer parte do nosso dia a dia, a partir das contextualizações realizadas no processo de ensino, mas, sobretudo, ao que se espera do aprendizado. Sendo este percebível na dinâmica de vida, em seus espaços de vivência, em pequenas ações.

Por esta visão, percebemos a educação geográfica como a possibilidade de permitir que o aluno se encontre dentro das discussões e não apenas seja um espectador dos fatos narrados na sala de aula. Lembremos que, ao reconhecemos a Geografia como ciência social, os alunos como agentes partícipes dessa sociedade, se encontram diretamente inseridos no processo de transformação/produção/dominação do espaço vivido. Desta forma, a própria

dinâmica de construção do conhecimento acontece com informações e fatos identificáveis no cotidiano desses alunos.

Dependendo das condições de vida e de educação que tem o aluno em seu convívio familiar, esta realidade pode estar muito próxima dele, enquanto para outro pode significar uma distância muito grande. Entendemos que, partindo do lugar em que se vive, é mais fácil compreender os fenômenos. (CALLAI, 1999, p. 61)

Ao se perceber na dinâmica do processo dos acontecimentos em seus espaços, em seu lugar como parte de um espaço coletivo, o aluno compreende melhor as questões sobre habitação, emprego, comportamento social, mobilidade urbana, dentre outras que possam vir a lhe ser apresentadas. Por conseguinte, passam a emitir opiniões sobre estas, construindo os próprios questionamentos, discutindo conceitos com maior propriedade, apresentando seu ponto de vista, que neste momento, pode ou não divergir dos que lhe são postos.

O aluno passa a fazer uma associação entre os seus saberes vividos na sua experiência com os conceitos da disciplina de Geografia, para assim, confrontar as questões do seu cotidiano, buscando compreender, entender e imprimir sentidos ao mundo a sua volta.

Esse exercício de questionar a partir dos fenômenos percebidos em suas realidades espaciais, o conduz a posicionamentos críticos de sua sociedade, a reflexões sobre seu papel como agente transformador e, das suas responsabilidades como corresponsável por “aquele” lugar, sua historicidade e continuidade a outras gerações.

Percebemos assim, que o ensino de Geografia, a partir do ponto de vista da Educação Geográfica, vai além dos conteúdos ou questões teóricas da disciplina. Compreendemos que as discussões permeiam situações que podem e devem ser contextualizadas em diferentes aspectos e possibilidades vividas pelos alunos. O contexto pode ser percebido em enredos de tramas novelista, filmes de gêneros distintos (particularmente, sempre uso exemplos de animações infantis para retratar questões abordadas em sala de aula). Além de situações presentes no dia a dia dos alunos, como abordagens sobre elementos inúmeros que compõe e representam a cidade.

E nesse sentido, aos poucos, com passos curtos, mas bem definidos, o grupo começa a ter uma visão outra sobre sua rua, bairro, cidade, país e mundo. Tornam-se alunos críticos, desenvolvem habilidades, assumem a postura de cidadãos

atentos e menos passíveis de serem ludibriados pela situação ou questões experimentadas e condicionantes de suas vidas.

Esse é ou deveria ser o papel da Geografia Escolar e da Educação Geográfica. Mas nem sempre foi assim... O ensino de Geografia foi caracterizado pelo modelo conteudista e despreocupado com as questões inerentes ao corpo discente. Estes tinham como tarefa a memorização e absorção dos conteúdos transmitidos pelo detentor do saber - o professor! Segundo FARIA (2012), inicialmente, as preocupações e objetivos do ensino de Geografia, estavam voltados a atender as diretrizes do governo, ora para constituição do país pelo reconhecimento territorial ou para seguir planos de progresso de desenvolvimento.

Mas como tudo neste mundo evolui, as coisas também estão mudando no mundo da escola! O processo de ensino e aprendizagem, crescimento pessoal e conhecimentos da área de Geografia na sala de aula, buscou seguir uma construção na qual, alunos e professores caminhassem lado a lado. A construção de uma Educação Geográfica onde as discussões, não necessariamente, estariam atreladas as diretrizes do livro didático. O conhecimento se constitui a partir de uma base conceitual, conduzido por uma organização de conteúdos, mas com aportes e questionamentos próximos a realidade da escola, dos alunos e de suas referências de vida, ou seja, de seus lugares.

Acreditamos que o ensino de Geografia torna-se mais próximo do aluno quando este se percebe parte das discussões, com oportunidades de expressar seu ponto de vista, construindo pontes entre o discutido em sala e o vivido em sua comunidade. Deixemos as fragmentações e questões regionalizadas, para abordagens presentes no entorno, e assim, caminhando para uma leitura de mundo, e formação cidadã de nossos alunos.

No contexto contemporâneo, os jovens dispõem de privilégios em relação a outras gerações passadas, pois imersos na era tecnológica e podem recorrer a diferentes possibilidades de reinterpretar, *aspirar* e *transpirar* os seus espaços e lugares. Estas possibilidades de deferir outro olhar e (re)perceber os lugares podem ser potencializadas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC,

[...] potencializar as tecnologias significa ampliar as possibilidades criativas do homem, bem como ampliar os “olhares” à exploração de situações cotidianas relacionadas ao espaço geográfico, ao lugar da política, a representação de instâncias conhecidas e/ou desconhecidas, a ampliação

das experiências e a condição de identificação com o espaço vivido (rua, bairro, cidade, estado, país). (HETKOWSKI, 2010, p.6)

O uso das TIC's como potencializadoras na dinâmica de reconhecimento do espaço vivido, oferece outras possibilidades para uma educação geográfica, onde a Geografia passa a fazer parte do cotidiano dos alunos, a partir de suas observações e críticas que partem o questionamento sobre a ocupação do espaço urbano para construção de diferentes empreendimentos; situações como o aumento do trabalho informal na cidade ou abandono de patrimônios culturais.

As TIC's podem ser representadas através de diferentes instrumentos ou mídias, que podem partir desde matérias assistidas na televisão, como a interpretação de letras em canções que abordem o tema discutido, uma seleção de fotografias para registros de imagens voltadas à temática ou mesmo a discussão de um filme, até postagens e mensagens nas redes sociais presentes na *web*, compartilhando conteúdos e notícias, que são veiculadas em tempo real, que dinamizam as discussões incitadas na sala de aula.

Nos diferentes espaços de discussões e Educação Geográfica, a presença das geotecnologias aproximam ainda mais as *aspirações e transpirações* do lugar, onde para Brito (2013, p. 24),

Incorporar as geotecnologias às estratégias de ensino, principalmente no tocante a geografia, representa um ganho substancial de valor no ensino fundamental e médio. Ganho representado pela iniciação a uma outra linguagem, gramática e alfabeto, bem como na possibilidade de ampliar os conhecimentos sobre o espaço vivido e o mundo.

Mais importante que a presença dos recursos geotecnológicos e as TIC sobre uma ótica mais ampla na dinâmica do ensino, estão o sentido de promover uma reflexão com os alunos sobre suas contribuições na aprendizagem, sobretudo, além dos limites da escola, ampliando assim, suas diferentes possibilidades para reconhecimento do lugar.

Uma vez em suas ações em campo, imbuídos pelos objetivos de suas pesquisa, sejam elas para uma atividade da escola ou para o desenvolvimento do Projeto, as ações de registro de imagens e troca de informações, a partir das entrevistas, já representam também a presença das geotecnologias. Seria mesmo? Sim. Com certeza!

Essa certeza está presente na concepção e reflexões que o GEOTEC delineia acerca do pensamento sobre tecnologia. Abraçamos e disseminamos discussões

que propagam a tecnologia para além dos elementos materiais. A tecnologia faz parte do ser humano, está presente como um processo humano, e sem essa base, não haveria tecnologia. Desta forma, as tecnologias são vistas como um processo criativo e transformativo (LIMA JR; HETKOWSKI, 2006), desenvolvida por uma sociedade, voltada a atender suas necessidades.

E nesse viés, levamos em pauta que durante todo processo de desenvolvimento das atividades do Projeto com os alunos do IFBA, as discussões sobre as geotecnologias e as percepções e até desmitificação, que estas não estão representadas apenas em sua base física, estrutural ou meramente maquinica. Não precisávamos estar cercado de equipamentos sofisticados para estarmos usando com as geotecnologias.

Isso justamente, porque, as tecnologias sempre estiveram presentes na sociedade, representadas por recursos, como a linguagem ou o desenvolvimento da escrita. Contudo, com o processo de informatização e mecanização da produção e, conseqüentemente, com a dinamização dos serviços, e também a valorização simbólica pelo discurso publicitário nos meios de comunicação de massa, criou-se a fatídica ilusão que a tecnologia estaria representada pelos modelos mais novos de dispositivos como aparelhos celulares com inúmeras funções (as quais, muitos usuários nem sabem como utilizar, mas querem no celular), computadores compactos, que trazem a leveza e o design como chamariz de sua cobiça, entre outros exemplos que poderíamos preencher várias páginas.

Mas para nós, a percepção das TIC está apoiada em dois pilares, que representam as questões materiais sim, mas também o outro pilar, de grande importância e responsável por tudo que surge como “novo”, a base imaterial. É neste pilar que está representada a criatividade, o cognitivo, a imaginação e o poder de transformação presente do homem.

Afinal, porque limitar o pensamento sobre as tecnologias através das observações materiais, sem perceber a grandiosa responsabilidade do imaterial, sem o qual, nada seria possível?

Desta forma, através das inúmeras possibilidades decorrentes da criação e transformação representadas pelas tecnologias, os alunos envolvidos no projeto, buscaram outras possibilidades para compreender seus lugares. Um olhar mais apurado, refletido pelas lentes que captavam imagens ou o cuidado em registrar as

saudosas recordações descritas na voz trêmula de alguns moradores, contribuíram para outro transpirar de cada lugar em ênfase neste trabalho.

E aos poucos a pesquisa que estava ensaiada na mente, ganhava forma e sentido a cada momento vivido e experimentado no *locus* de ação desses meninos e meninas do Ensino Médio na cidade de Valença – BA. E com isso, imersos nessa dinâmica, constitui-se um movimento de redimensionamento e potencialização de uma Educação Geográfica, a partir da imersão da investigação nos seus lugares... Movimentos que discutiremos na próxima sessão.

3 PROCESSOS FORMATIVOS NO IFBA / VALENÇA: PESQUISAR É PRECISO!

*A sabedoria não se transmite,
é preciso que nós a descubramos
fazendo uma caminhada
que ninguém pode fazer em nosso lugar
e que ninguém nos pode evitar,
porque a sabedoria é uma maneira
de ver as coisas.*

Marcel Proust

Pesquisar... palavra presente nos ambientes formativos em nossa sociedade. O ato da pesquisa começa muito cedo, ainda enquanto crianças e em nossos questionamentos que deixam os familiares mais próximos em situações complicadas. Crescemos e mesmo sem percebermos, as pesquisas continuam presentes em nosso cotidiano: escolhemos roupas, sapatos, estilos de música, modelos de carros, cores para nossa casa, e porque não dizer, até quem será nosso parceiro por longos anos de vida.

A pesquisa cotidiana e tímida chega aos espaços formais, através de atividades, inicialmente simples, onde buscamos responder questões, completar tarefas ou complementar um pensamento desenvolvido na sala de aula. Na contemporaneidade, para muitos jovens, pesquisar é recorrer aos ambientes virtuais para obtenção de respostas. Mas nem todas estão lá!

Algumas pesquisas, especialmente aquelas que demandam um rigor mais científico, buscam respostas no cotidiano, as quais precisam ser vividas, experimentadas, compartilhadas e entrelaçadas por pressupostos científicos, epistêmicos e práticas, muitas vezes, imprescindíveis as nossas vidas e experiências.

Os primeiros passos são lentos, incertos, às vezes solitários, mas ao persistir à busca pela concretude de uma pesquisa, percebemos que todos os percalços, dificuldades e crises enfrentadas, apenas engrandecem o processo, o qual é mais valioso do que o próprio resultado.

Nesta sessão, apresentamos esses passos. Os passos de um grupo de alunos do IFBA / Valença, em busca arguições para suas propostas investigativas. Momentos representados por atividades (oficinas), que foram desenvolvidas ao longo da caminhada, fóruns de discussões e reuniões informais, que juntas culminaram na materialização da proposta aqui apresentada.

3.1 ALUNOS PARTICÍPIES DO PROJETO: SUJEITOS ATORES E AUTORES NO PROCESSO

QUEM tem um PORQUE, enfrenta qualquer COMO.

Viktor Frankl

Segundo semestre de 2013. Cartazes pelo pátio do Campus Valença faziam a chamada para a primeira apresentação da proposta do Projeto.

No início eram apenas três alunos. Após alguns convites feitos no pátio e corredores do Campus, chagaram mais dois, e mais alguns e, quando nos demos conta, estávamos com um grupo com mais de vinte alunos interessados em fazer parte de uma proposta que eles, não tinham ideia do que realmente era. Após algumas semanas, fechamos o grupo com os dezessete alunos que mais se identificaram com o Projeto. Hoje nem todos permanecem por diferentes motivos e justificativas, como a necessidade de maior dedicação aos estudos ou aprovação em universidades.

A princípio, falar de pesquisa com os dezessete alunos parecia algo muito distante da vivência escolar daquele grupo, e por isso, os primeiros passos foram decisivos para mostrar que sim, eles poderiam realizar o desafio ao qual estavam sendo apresentados.

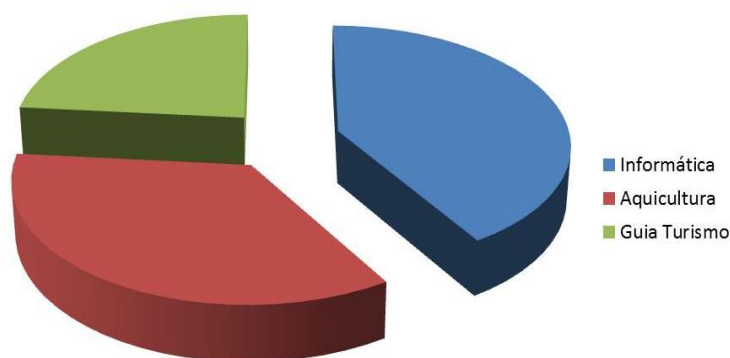


Figura 7: Alunos do Projeto por cursos técnicos no IFBA – Campus Valença

Grupo composto por nove alunas e oito alunos, entre quinze e dezenove anos de idade, todos matriculados no Ensino Médio Integrado do IFBA – Valença, sendo

sete matriculados no curso de Informática, seis no curso de Aquicultura e quatro do curso em Guia de Turismo Regional.



Figura 8: Idade dos Alunos do Projeto no IFBA – Campus Valença

Esses alunos representam pouco mais que 3% dos alunos do Ensino Médio do Campus, onde a entrada acontece via processo seletivo, com provas realizada a ao final de cada ano. A abrangência do ensino IFBA Valença, em suas diferentes modalidades (Ensino Médio, Subsequente, Ensino Superior), ultrapassa os limites do município, e seus alunos compõem o mosaico de informações e características de outras cidades, ricas por suas tradições, belezas naturais e histórias que compõem o patrimônio desse “espaço” no estado da Bahia.

Pensando na riqueza desses lugares, e como cada aluno percebe o seu espaço de vivência, a proposta do projeto A Rádio da Escola na Escola da Rádio, se apresentou como uma possibilidade deles externar suas subjetividades, através da dinâmica de aproximação da pesquisa científica.

Estes jovens que apesar da alta carga horária característica dos cursos integrados, abraçou a proposta de, através da pesquisa, desvendar algo além do que eles conheciam sobre seus bairros, suas cidades, ou simplesmente, questões acerca do comportamento de outros jovens.

Na ocasião da primeira reunião, decidimos a periodicidade dos encontros, que passaram a acontecer quinzenalmente, nas tarde de sexta-feira. O dia e horário foi

sugestão da maioria dos alunos, isso por que, apenas três deles estariam em aula, e poderiam ser dispensados das atividades em sala.

Apresento agora meus pesquisadores juniores, todos que participaram da proposta desenvolvida no IFBA / Campus Valença, com os pseudônimos escolhidos por eles mesmos, visando manter suas identidades preservadas¹⁴:

- **Garoto Abalo:** 16 anos. O mais risonho de todos e, sua presença não tem como ficar despercebida. Se destaca por sua presteza e cuidado com os demais colegas do grupo. Sua visão no projeto perpassa sobre a investigação e construção de uma linha do tempo sobre as transformações de uma cidade no Vale do Jiquiriça.
- **Garota Bob:** 18 anos. Sempre atenta às questões discutidas no grupo, Bob é reconhecida pelos colegas como a que “mergulhou de cabeça” em seu tema, e todos reconhecem que a partícipe tem opinião formada sobre seu assunto. Seu trabalho está relacionado à participação do IFBA nas transformações no espaço do bairro.
- **Garota Celeste:** 18 anos. Apaixonada por estrelas e risonha por natureza se destaca por seu astral contagia a todos. Enfrentou alguns contratemplos durante a pesquisa, pois chegou a perder todos seus dados, mas decidiu recomeçar e continuar seu trabalho. Seu objeto de investigação é sua cidade natal (Ituberá), onde buscou revelar ao seu modo, a trilha de seu crescimento.
- **Garoto Gatinho:** 17 anos. Sempre ao lado de Abalo, Abalo Jr. se mostrava concentrado nas atividades e questionava pontos de seu interesse para pesquisa. Seu olhar para questões históricas o levou a ter como objeto de investigação a história do Teatro Municipal da cidade, que se encontra em estado de abandono.
- **Garoto Harry:** 18 anos. Outro membro que chegou depois ao grupo e teve perfeita sincronia às discussões propostas. Esse jovem, aparentemente frágil se mostrou grandioso e convicto de seu tema quando, em uma apresentação,

¹⁴ Apesar das autorizações pessoais e de seus responsáveis, os pseudônimos que representam cada um dos alunos partícipes do Projeto da Rádio no Campus Valença, foram escolhidos por eles próprios, a partir do traçado de um auto perfil naquele momento do trabalho, e sendo assim, não significa algo definitivo de suas personalidades. O seu uso visa inicialmente, o cuidado com suas identidades, mesmo que em algum outro momento deste trabalho, estas sejam reveladas.

defendeu com propriedade sua pesquisa sobre a Feira de Caxixis e sua relação direta sobre a cidade.

- **Garoto Mestre:** 17 anos. O mais politizado do grupo. Suas colocações estão sempre pautadas nas discussões acerca da importância das políticas públicas e o papel do jovem na sociedade. Seu tema no projeto versa sobre as diferentes visões de jovens negros ao completar o Ensino Médio.
- **Garota Soneca:** 18 anos. Mesmo sempre com sono, ela nunca faltou a um encontro. Chegou ao grupo depois de algumas atividades, mas se adaptou perfeitamente a dinâmica do trabalho. No começo, estava em conflito sobre o objeto de sua pesquisa, pois buscava algo ligado ao social, e assim delineou sua pesquisa voltada as discussões do trabalho informal na cidade de Valença. Mesmo concluindo seus estudos no IFBA, Soneca não abandonou seu objeto de estudo e buscou um parceiro (Garoto Mestre), para continuar ligada ao Projeto.
- **Garota Aprendiz:** 18 anos. Dona das ideias mais “loucas” possíveis para resolver qualquer problema que o Grupo viesse a enfrentar. Com espírito de liderança, sempre buscou manter todos atentos e empenhados com seus trabalhos. Contudo, ao ser aprovada para o curso superior na capital baiana, Aprendiz nos deixou.
- **Garoto Bidu:** 17 anos. O fiel parceiro de Marrento, de voz grossa, mostrava-se muito empolgado no início das atividades do Grupo. Porém, por assumir um estágio no laboratório da escola, começou a faltar as nossas reuniões. E, assim, já não conseguia mais acompanhar a dinâmica dos encontros e oficinas, se afastando.
- **Garota Corujinha:** 16 anos. Uma menina observadora. Assim como Garota Diva, ouve mais que fala, mas quando fala ninguém segura! Sua pesquisa traz algumas considerações sobre a visão de uma pequena comunidade da cidade de Camamu. Com a saída da Garota Aprendiz, Corujinha acolheu o Garoto Elly como parceiro de descobertas em sua pesquisa. Entretanto, ambos em ano de conclusão de curso e com as demandas que pairavam naquele momento, foram se distanciando das atividades do Grupo.
- **Garota Diva:** 18 anos. A mais serena de todas do grupo. Normalmente calada, mas sempre atenta aos detalhes. E quando pede a palavra, sua voz

suave e suas ideias convictas, não deixam dúvidas sobre a discussão. Em sua proposta de investigação, abordava uma temática sobre o processo de estigmatização de um bairro na cidade de Valença. Com a conclusão de seus estudos regulares, foi absorvida por outras demandas fora do Campus e nossa Diva deixou saudades no Grupo...

- **Garoto Elly:** 19 anos. O grande parceiro de Aprendiz. Menino mais tímido do grupo se viu sem chão com a saída da parceira de pesquisa. Porém com o apoio dos demais, voltou às atividades e sobre uma nova ótica, continuando o trabalho sobre os catadores de resíduos sólidos. Posteriormente, uniu-se à Garota Corujinha em sua pesquisa. Contudo, a atividades do colégio e o trabalho no turno oposto, o afastaram das reuniões e assim, aos poucos, foi deixando o Grupo.
- **Garoto Gasparzinho:** 16 anos. Visto pelos demais do Grupo, como o mais jovem, mas não exatamente pela idade. Sempre presente na maioria dos encontros, Gasparzinho se mostrava entusiasmado com a ideia de ser um pesquisador. Porém, com o passar das semanas, começou a enfrentar alguns dilemas: não conseguia se definir quanto ao objeto de sua pesquisa. O grupo se mobilizou, buscou ajudar, incentivar. Mas foi em vão, e Gasparzinho aos poucos nos deixou.
- **Garoto Marrento:** 19 anos. Suas ações no grupo sempre foram voltadas a trazer discussões para seu projeto. Com o celular sempre a mão, fazia seus registros durante as oficinas, e a melhor hora era a hora do lanche! Sua pesquisa estava voltada ao próprio curso, onde discutia questões ligadas à atividade aquícola. Contudo, ele e seu parceiro de pesquisa, não conseguiram conciliar ação da pesquisa com a rotina da escola, e se afastaram da dinâmica, e aos poucos deixaram o Grupo.
- **Garota Moleca:** 17 anos. Parceira na pesquisa com Panda, Moleca se mostrou inconstante no Grupo. Muito ativa em algumas ações, mas com a saída de Panda, Moleca a acompanhou.
- **Garota Mônica:** 18 anos. Sorridente, até quando não tinha motivos, permaneceu atenta às questões de seu projeto e desde o início sua ideia foi pesquisar uma antiga usina hidrelétrica desativada há décadas na sua cidade. Ao final do ano letivo de 2013, com a conclusão do 4º ano de seu curso, a

Garota Mônica, aos poucos foi se ausentando do Grupo, até que certo dia avisou sobre sua saída.

- **Garota Panda:** 16 anos. Atenta com papel e caneta sempre apostos, Panda registrava tudo que julgava importante nas oficinas. Ela sempre buscava informações preliminares sobre o tema das discussões apresentadas ao Grupo. A ideia de sua pesquisa sobre *bullying* surgiu em uma das reuniões que participou, e também por perceber algumas situações na escola. Contudo Panda pediu para se afastar das atividades do grupo no mês de dezembro de 2013, pois precisava se concentrar em algumas disciplinas.

Assim como os alunos, os colaboradores que ministraram as oficinas (que serão detalhadas mais a adiante), também receberam seus pseudônimos, sendo eles Prof. Sales, Prof. Aurélio, Prof.^a Minihetk, Prof.^a Penélope e Prof. SNC¹⁵.

Os espaços das oficinas foram de grande importância para a construção e o compartilhamento de ideias, e conseqüentemente, para o desenvolvimento de muitos trabalhos pelos alunos.

Dos dezessete participantes que iniciaram suas descobertas sobre o seus lugares, tivemos ao longo do processo a saída de dez alunos. Para cada desistência haviam questões diversas, tais como preocupações com as atividades acadêmicas, pois alguns estudavam no turno das reuniões do Projeto (sexta-feira a tarde); outros começaram a desenvolver suas pesquisas em dupla, e no decorrer da caminhada a parceria não se estabilizou e conseqüentemente, a pesquisa não seguiu; outros tiveram aprovação em vestibulares e inevitavelmente, se mudaram de cidade. Contudo, todos eles continuaram tendo acesso às discussões da página do grupo via WEB, e compartilhando de das atividades que estavam sendo desenvolvidas.

Contudo, para aqueles sete participantes que continuaram na dinâmica do Projeto, foi possível perceber a cada encontro de orientação, nas conversas informais pelo pátio da escola ou em postagens nas redes sociais, o envolvimento, a emoção e o desejo de ver suas pesquisas sendo conhecidas e reconhecidas por outras pessoas.

¹⁵ Esses pseudônimos dados aos colaboradores do GEOTEC bem como do IFBA Campus Valença, foram escolhidos pelos alunos do Grupo, seguindo algumas características observadas em cada encontro formativo.

3.2 ATIVIDADES FORMATIVAS: ENTRE ENCONTROS, DÚVIDAS E POSSIBILIDADES

*O novo saber que o género humano
vai adquirindo não compensa
o saber que se propaga apenas
pela transmissão oral directa,
o qual, uma vez perdido,
nunca mais se pode readquirir e retransmitir:
nenhum livro pode ensinar aquilo que
apenas se pode aprender na infância,
se se entrega o ouvido e o olho atentos
ao canto e ao voo dos pássaros
e se se encontra então alguém que
pontualmente lhes saiba dar um nome.*

Ítalo Calvino, Polomar

O processo de possibilitar outra perspectiva de educação através da pesquisa é algo que transborda o modelo tradicional posto, onde se impõe em muitos espaços de ensino, uma aprendizagem pautada pela cópia e reprodução. A curiosidade, a liberdade de ousar, criar e produzir, por muitas vezes são limadas pelo modelo imposto.

Durante a execução da pesquisa, tivemos a oportunidade de conviver mais de perto com esses alunos, viver suas angústias e alegrias. Podemos afirmar dizer que literalmente, eu vivi a pesquisa participante em todo seu potencial, pois rimos e choramos em várias etapas. Essas etapas foram representadas por encontros periódicos, oficinas e apresentações de trabalhos, discussões em fóruns virtuais, reuniões improvisadas no pátio do Campus ou na praça da cidade, onde nos reunimos para um despretenso sorvete ou pastel chinês.

Em um dos encontros quinzenais, surgiu uma pergunta, feita na época por Garota Aprendiz: *Sim, Chefa! E o que a gente vai fazer depois que terminarmos nossas pesquisas?*

Começa um dos primeiros questionamentos de muitos de surgir. Mas aquele primeiro nos tomou de surpresa, e sendo algo que mexeu com o imaginário de todos e várias respostas surgiram, desde uma apresentação no pátio do Campus até a entrega do texto pesquisado na biblioteca para consulta.

O princípio de qualquer pesquisa é o questionamento, a curiosidade e, sobretudo, o desafio em busca das respostas. E acreditando nisso, resolvi aguçar

esses princípios instigando as inúmeras possibilidades, onde poderíamos apresentar os resultados de suas descobertas através de textos científicos como artigos, construções de murais informativos ou exposições com fotos e textos, dentre outras possibilidades que poderiam surgir ao longo do trabalho.

Os partícipes mostraram-se espantados, pois não imaginavam tantos desdobramentos, principalmente sobre a possibilidade da construção de um artigo a partir de seus escritos. Entretanto, aceitaram o desafio! E já na primeira reunião, ocorrida no ano de 2013, ajustamos o dia, horário, local e periodicidade. Criamos uma página em uma rede social, meio pelo qual possibilitou uma comunicação mais frequente, independente das reuniões presenciais, além das postagens de informativos, recados, dúvidas e muitas, muitas trocas de experiências, sobretudo, relacionado ao que estávamos nos propondo.



Figura 9: Página do Projeto em uma rede social na WEB

E em passos curtos, mas com grandes perspectivas nos olhares, seguimos nossos encontros quinzenais e em um desses momentos iniciais, lancei uma sementinha com aquele arado: O que é realmente ser um pesquisador? Outra pergunta que demandou muitas respostas e inquietações. Não satisfeita, continuei com outras provocações àquele destemido Grupo. Os questionamentos apresentados a seguir, fizeram parte de uma rodada de discussões, na ocasião de um dos primeiros encontros de orientação em nossas tardes de sexta-feira:

I – O que vocês imaginam que seja uma pesquisa científica?

O aluno Marrento respondeu que *“pesquisa científica deveria ser aquela voltada às descobertas da ciência”*.

Diante daquele posicionamento, podemos perceber que mesmo sendo uma resposta isolada, uma fala entre muitas outras, a pesquisa científica aparecia atrelada a ideia de tecnologia, descoberta, inovações... E isso é bom! Bom se considerado que estávamos entrando em uma discussão, até então, distante do cotidiano daquele grupo.

As propostas e possibilidades de uma pesquisa científica caminham, diversificam e ampliam horizontes para além de descobertas realizadas em laboratórios de ciência.

II – Educação e Pesquisa: é possível beber dessas fontes simultaneamente?

O aluno Mestre traz em sua fala sobre esta questão que *“essa deveria ser a fonte que todos os alunos deveriam beber, pois só assim a Educação estaria realmente sendo eficaz em seu processo”*.

Mestre demonstra em sua resposta, que mesmo sendo jovem, já percebe que algumas questões instituídas no sistema de educação precisam ser reavaliadas, a fim de se promover um ensino realmente significativo.

As possibilidades do desenvolvimento de uma proposta de educação em par com a ação da pesquisa abrem oportunidades para que os alunos emancipem-se enquanto sujeitos. Nesta outra condição, corroboramos com DEMO (2005), onde as possibilidades remeteriam a questionamentos, a criticidade, ao repensar sobre seus espaços de vivência e a outro olhar sobre a realidade.

III – O que lhe motivaria a participação / pesquisar neste Projeto?

Neste momento outra dúvida pairou na sala e apenas alguns alunos se manifestaram. Então estava lançada a primeira atividade para o grupo: Postar na página criada na rede social a ideia sobre o seu objeto de pesquisa, respondendo a três perguntas: o que vou pesquisar? Por que vou pesquisar? Como vou pesquisar?

A atividade ampliou-se e todos começaram a postar suas ideias. Naquele momento, começamos a pensar e visualizar o que tínhamos pela frente. As ideias que estavam presentes em cada participante, agora começava a fazer parte de um emaranhado de questões coletivas, onde todos passavam a compartilhar suas expectativas e também a opinar sobre a proposta do colega. O grupo começa a se

conhecer, a reconhecer o colega, que mesmo estudando no mesmo lugar não tinham grandes proximidades. O início das atividades propiciava mais que a formação de um grupo de trabalho. Nascia ali, um grupo movido por sentimentos diversos e curiosidades pelo que estava por vir. Jovens reunidos em um propósito único e singular, onde o inesperado aproximava-os, configurando uma relação definida pelo grupo como a “Família Rádio”.

3.2.1 As oficinas: encontros de capacitação, informação e descontração

No início de nosso percurso, algumas ações foram definidas para contribuir na construção de uma base ou dinamizar o conhecimento já presente nos jovens pesquisadores. Para esse momento, a parceria com os membros do GEOTEC foi imprescindível, pois dispomos de uma diversificada equipe de profissionais, que estavam aptos a colaborar com o desenvolvimento da proposta no IFBA / Valença.

Em função do histórico desse Projeto no Colégio da Polícia Militar, na cidade de Salvador/BA, o GEOTEC já apresentava uma relação de oficinas possíveis para apresentar ao grupo que estava se formando no IFBA – Campus Valença:

Nº	CURSOS CAPACITADORES
01	Corel Draw
02	Photoshop
03	Dreamweaver
04	HTML Básico

Quadro 5: Cursos para o Projeto da Rádio, ofertado pelo GEOTEC
Fonte: Elaborado pela autora – dados do Grupo GEOTEC

Nº	OFICINAS CAPACITADORAS – PESQUISADORES JUNIORES
01	Audiovisual
02	Rádiodifusão
03	Direito de Imagem
04	Geotecnologias e suas possibilidades
05	Museus Virtuais: cultura e patrimônio do ciberespaço

06	O Áudio e o Visual: tecnologias a serviço de uma construção de sentidos
07	Pesquisa Científica: Teoria, Método e Prática
08	Produção de vídeo para dispositivos <i>móveis</i>
09	Roteiro e Documentário
10	Roteiro e Programação de Rádio – I, II, III, IV
11	Saberes Científicos e Narrativos: dos titubeios à construção do conhecimento

Quadro 6: Oficinas básicas ofertadas pelo GEOTEC para o Projeto da Rádio

Fonte: Elaborado pela autora – dados do Grupo GEOTEC

A relação das ofertas de capacitação disponibilizada pela equipe do GEOTEC representava uma experiência de atividades bem sucedidas em um dos primeiros espaços, onde o Projeto A Rádio da Escola na Escola da Rádio foi desenvolvido.

“Dizem que em time que está ganhando, não se mexe”, contudo, para o Campus do IFBA em Valença, optamos por momentos que estivesse diretamente ligado às nossas perspectivas de descobertas e necessidades para alcançar nossos objetivos. Visto que contávamos com obstáculos para realização dos encontros, a exemplo do deslocamento Salvador x Valença.

Assim, o planejamento foi construído a partir de nossas necessidades para compreensão de algumas temáticas, julgadas pelos alunos, como fundamental para nossa construção. Desta forma, o quadro de disponibilidade das oficinas foi apresentado ao grupo, e enumeramos aquelas que poderiam acontecer no Campus, observando sua contribuição no processo da pesquisa, do passo a passo metodológico e, posteriormente, a própria escrita sobre as descobertas realizadas em campo.

OFICINAS TEÓRICAS REALIZADAS

Data	Tema da Oficina	Objetivo	Colaborador
23/10/2013	Introdução a História e Memória na Pesquisa Científica	Apresentar a importância de fatos contados a partir da memória histórica.	Prof. Sales UNEB / GEOTEC

22/11/2013	Metodologia da Pesquisa: Saberes Científicos e Narrativos... nos titubeios à busca do começo	Discutir sobre os saberes narrativos e os caminhos da pesquisa científica.	Prof. ^a Minihehk e Prof. Aurélio-UNEB / GEOTEC
06/12/2013	Produção Textual: Estilo, coerência e coesão: escrevendo um texto científico	Oficina de Língua Portuguesa voltada a discutir e oferecer dicas para escrita científica.	Prof. ^a Penelope Charmosa – IFBA / PPGEduC
20/12/2013	O Direito de imagem e outros registros na pesquisa: até onde posso ir?	Apresentar aos pesquisadores Jr. as problemáticas acerca de registros feitos no lócus das pesquisas.	Sr. SNC– IFBA/UNEB

Quadro 7: Oficinas básicas ofertadas pelo GEOTEC para o Projeto da Rádio

Fonte: Elaborado pela autora

Conforme percebemos no Quadro 7, foram realizados quatro momentos temáticos para o desenvolvimento da pesquisa. As oficinas atenderam as expectativas dos alunos e, a Diretoria do Ensino do Campus nos cedeu uma sala para a realização dos encontros, bem como o veículo oficial para o deslocamento dos representantes do GEOTEC, no traslado Bom Despacho, na Ilha de Itaparica, até a cidade de Valença – BA.

Cada encontro formativo / oficina, possibilitou ao grupo de alunos, uma oportunidade para compreensão, mesmo que simples, de alguns passos necessários para realização de suas pesquisas no campo. Os encontros foram adaptados para uma linguagem simples e de fácil compreensão sobre questões que partiam desde a compreensão do papel da memória e história, até situações legais, como o cuidado ético na constituição e desenvolvimento da pesquisa.

3.2.1.1 Oficina I - Introdução à História e Memória na Pesquisa Científica

O primeiro momento com as discussões que reunia elementos que norteariam os trabalhos dos alunos foi marcado pelos olhares atentos no Prof. Sales¹⁶, que entre uma questão histórica e exemplos contemporâneos, buscava entreter os presentes com uma mensagem menos formal. O objetivo era promover a reflexão sobre os conceitos que compõe o campo da História e Memória, inerentes aos processos sociais dos sujeitos históricos, compreendendo assim, as relações estabelecidas entre os grupos humanos em tempos e espaços distintos.

Para proporcionar melhor compreensão dos objetivos, o Prof. Sales encaminhou antecipadamente para grupo, o texto *História e Memória: algumas observações* do Prof. Raimundo Nonato Pereira Moreira¹⁷, postado na página do grupo na rede social. Durante aquela tarde de trabalho, em um clima descontraído, os alunos foram convidados a fazer as interlocuções entre o texto e as questões que estavam sendo apresentadas, além de fazer o exercício para associar os conhecimentos às possibilidades de pesquisa proposta.



Figura 10: Alunos na oficina de História e Memória

Naquela noite, os comentários sobre a 1ª oficina do projeto já estavam na rede social, quando da solicitação para que os sujeitos socializassem suas impressões. A Garota Panda postou: “Com certeza Paty. Foi uma tarde muito

¹⁶ Pseudônimo dado pelos alunos ao Mestrando Tarsis de Carvalho Santos, aluno do Programa PPGEduC – UNEB e integrante do GEOTEC.

¹⁷ Doutorado pela Universidade de Campinas (UNICAMP), professor do curso de Licenciatura em História das Faculdades Jorge Amado e da Universidade Estadual da Bahia (UNEB).

interessante, com troca de informações bastante proveitosas. Estou muito empolgada com o projeto, acredito que não só eu, como todos os participantes. Muito bom!”.

Aquele primeiro momento disparador de potencialidades ao desenvolvimento da proposta e envolvimento dos alunos, pois foi possível perceber o grau de conhecimento que eles traziam e a forma como se colocavam frente aos questionamentos e provocações históricas feitas pelo Prof. Sales. Algumas ideias também surgiram, ao perceberem a importância da história oral para a pesquisa, sobretudo, àqueles que buscavam investigar fatos históricos de seus bairros ou cidades.

Segundo Portelli (1997, p. 14), “a história oral é a ciência e a arte do indivíduo”, e desta forma, tornam-se fontes valiosas no reconhecimento da história e da memória dos espaços, destacados nos diálogos com as pessoas mais antigas de um lugar em especial.

Como atividade para grupo, foi proposto identificar a importância do contexto histórico em suas pesquisas. Nessa atividade, estava intrínseca a ideia de fazê-los pensar sobre tudo que fora discutido naquela tarde, além de mostrar que a História poderia estar presente em seus espaços, nos velhos casarões, em antigas linhas férreas, na atual situação de uma cidade e, sobretudo, no modo como vivemos hoje, como um reflexo de nosso passado.

3.2.1.2 Oficina II - Metodologia da Pesquisa: Saberes Científicos e Narrativos... nos titubeios à busca do começo

Na segunda atividade de encontros formativos, no período de uma tarde discutimos sobre Metodologia. Esse foi um dos encontros mais desejados pelos alunos que já havia iniciado os primeiros passos de suas pesquisas. Para esse

momento recebemos mais dois colaboradores do GEOTEC: a Prof.^a Minihetk¹⁸ e o Prof. Aurélio¹⁹.

A proposta deste encontro objetivava apresentar aos participantes o “caminho das pedras” que todo pesquisador precisa trilhar para alcançar êxito em suas ações investigativas, respeitando a rigorosidade da pesquisa dentro dos espaços formativos escolares.

Nesta perspectiva, a dupla de colaboradores provocou o grupo com algumas indagações, a começar pelo próprio tema da oficina, onde a Prof.^a Minihetk questionou o grupo sobre a aplicação do termo “titubeios à busca do começo”, e respondendo a própria pergunta, coloca aos presentes que a frase estaria se referindo ao momento vivido por eles, pois muitos ali, estavam no processo do “ir e vir” em suas leituras, dúvidas e até incertezas, na busca do conhecimento na pesquisa. E assim, foram apresentadas algumas questões, que por mais simples que pareciam ser, traziam um peso singular àqueles partícipes:

- a) O que é um projeto?
- b) Para quê serve um projeto?
- c) Qual a importância de um projeto?

Para responder a primeira questão, a Prof.^a Minhetk pergunta se alguém ali tem um projeto de vida? A Garota Soneca responde:

“Meu projeto de vida primeiramente terminar o curso aqui. Como eu sei que não tenho condições agora para passar em medicina, vou fazer um pré-vestibular e entrar na Faculdade de Medicina no ano que vem, e depois que terminar a Faculdade de Medicina, fazer uma pós-graduação, que eu ainda não sei qual é, mas vou fazer. Depois eu quero casar com um músico (pois eu canto também), pois mesmo fazendo medicina, quero casar com alguém da área de arte e ter dois filhos: um menino e uma menina.”

Assim, aproveitando a fala de Soneca, é demonstrado ao grupo que todo projeto requer um planejamento, e também o traçado de algumas ações para alcançar seus objetivos. Ainda sobre a fala da Garota Soneca, foi possível perceber que em seus planos, não apresentam diretamente o que seria os *resultados*, mas todos os meios que utilizaria para realizar seu projeto de vida. Demonstrando assim, os *meios* para chegar ao resultado. Os meios então representam a parte mais

¹⁸ Pseudônimo dado a Doutoranda Fabiana dos Santos Nascimento, aluna do Programa PPGEduC, na UNEB e integrante do GEOTEC.

¹⁹ Pseudônimo conferido ao Mestrando Inaiá Brandão Pereira, aluno do Programa PPGEduC – UNEB e integrante do GEOTEC.

delicada da ação investigativa, pois através deles, chegaremos aos nossos resultados.

Mas uma pergunta ainda estava no ar: **o que seria um projeto de pesquisa?** Um desejo? Um planejamento? Algo a ser pesquisado?

Estava sendo apresentado aos alunos o que desejavam e buscavam conhecer, e que no meio de tudo deveriam determinar as ações relacionadas à realização do projeto; quanto tempo será necessário para sua execução, sem esquecer os sujeitos da pesquisa. Isso porque, em toda pesquisa, sempre vai existir sujeitos; trabalho de campo; representado pelas entrevistas ou registros de imagens. Mas tudo iria depender dos métodos escolhidos.

Em meio àquele turbilhão, outra questão esperava por resposta: **para quê serve um projeto?**

Garota Bob toma a palavra: *“Ele serve para direcionar suas ações. Se você tem objetivo, você não vai deixar tudo espalhado. Então você planeja aquilo, bota no papel para poder ter uma direção e seguindo os caminhos e ir conquistando aquilo, pouco a pouco”.*

A fala da Garota Bob é validada pelos professores que reforçam a explicação sobre a ótica que o projeto vem para conceber direcionamentos aos objetivos traçados, como forma real de organização de ideias a serem seguidas. A Garota Bob, não somente respondeu a pergunta sobre o que seria um projeto, como também apresentou a **importância de sua existência de um projeto** na pesquisa, pois através da construção do projeto, o pesquisador terá ciência quais as ações que devem ser efetivas, bem como elaborar estratégias à realização.



Figura 11: Oficina de Metodologia da Pesquisa

A oficina trouxe outras questões muito ricas para a construção do trabalho dos alunos, como a valorização dos saberes e conhecimentos populares na pesquisa científica. A Garota Soneca trouxe algumas inquietações sobre o curso técnico que faz no IFBA, onde ao estudar as questões do cultivo no ambiente escolar, são preparados via academia, na teoria através de livros e manuais, para desenvolver as mesmas tarefas que o pescador já desenvolve na prática, por muitas gerações. Ela destaca: *“A gente está aprendendo aqui a fazer as mesmas coisas que eles fazem. É o encontro do conhecimento científico e o conhecimento narrativo na atividade pesqueira”*.

É posto para o grupo a importância de se considerar os saberes da experiência dos sujeitos que serão entrevistados em campo na coleta de dados, sobretudo por ter que mostrar respeito aos saberes de outras pessoas, principalmente os mais idosos, independente da necessidade de o pesquisador manter seu olhar crítico sobre os fatos investigados. Segundo Prof.^a Minihtk, esses conhecimentos precisam ser organizados, sistematizados, escritos e armazenados, para que possam contribuir com a proposta de investigação.

Sobre esse ponto, destaco o posicionamento de Garota Diva, quando diz:

“Pelo que percebo, o conhecimento científico é baseado em um método. Mesmo você tendo um conhecimento narrativo, você precisa de um método para chegar para que ele seja bem fundamentado, até porque, as pessoas

não vão acreditar em você, logo de primeira. Mas se você organiza, se você planeja, se você tem uma enumeração dos fatos, e você consegue engajar esses dados, para que as pessoas o vejam e tenham o seu objetivo visto, com certeza, o seu conhecimento, embora narrativo, o método vai ser considerado pela maioria das pessoas.”.

Na fala da Garota Diva percebemos outras etapas da pesquisa como o método e a sistematização dos dados e fatos, colocando em ordem as informações coletadas. Essa etapa de análise dos dados consiste a parte mais delicada da pesquisa, pois na pesquisa poderão surgir inúmeros dados que precisam ser analisados, sistematizados, selecionar as informações que irão está presente em sua pesquisa. Para isso, foi sugerido aos alunos, a adoção de um diário de bordo: Constituir um espaço único para as anotações e não deixar acumular os dados que serão analisados. Uma sugestão de grande importância para todo pesquisador, onde suas anotações, referências, lembretes, dentre outras pistas, que poderão contribuir para a execução de um bom trabalho.

A tarde fluiu e as contribuições da oficina foram inúmeras para a construção das pesquisas dos alunos, nos diferentes espaços de análise, pois além dos pontos apresentados aqui, também foram abordados pontos como *a importância do tema e do título e da escolha da pesquisa, a função da definição dos objetivos, a responsabilidade da fundamentação teórica* para a construção de um bom trabalho.

Ao final da oficina, foi proposto ao grupo fazer uma nova leitura de seus projetos, agora com apoio teórico e novos conhecimentos adquiridos na convivência e socialização entreicineiros e alunos. Os partícipes do projeto deveriam postar na página do grupo, suas considerações sobre seus trabalhos, de modo a desmitificar a pesquisa e progredir em suas propostas.

Para esta atividade, os alunos tiveram duas semanas para postagens, pois estavam em período de final de unidade na escola, e o tempo para se dedicarem as atividades extracurriculares, era limitado. Contudo, todos cumpriram o que foi solicitado, e mais: houve uma cooperação na construção do trabalho de outros colegas, quanto ao verbo utilizado, aos métodos escolhidos e interferências aténa definição do título.

Com isso, foi possível perceber que estavam criando mais que um grupo, como se definiam: uma família de projetos, onde todos falavam e conheciam o trabalho de todos, o que não significava que aceitavam todas as sugestões, sobretudo, quando se tratava do trabalho da Garota Bob. Coisas de família...

3.2.1.3 Oficina III - Produção Textual: Estilo, coerência e coesão: escrevendo um texto científico

A terceira oficina do projeto foi coordenada pela Prof.^a Penélope Charmosa²⁰, docente do IFBA Campus Valença e mestranda no Programa PPGEduc da UNEB. O objetivo deste encontro era provocar e oferecer dicas sobre a escrita científica, mais precisamente, como escrever um artigo, objetivo final de cada projeto dos alunos.



Figura 12: Oficina de produção Textual

No início da atividade, a Prof.^a Penélope Charmosa mostrou algumas imagens para o grupo e pediu que as definissem. Ao final das colocações, a Prof.^a esclareceu que cada um ali, apresentou um “olhar” sobre a imagem, uma forma subjetiva de encarar o objeto, as quais representavam impressões pessoais sobre as imagens. E impressões pessoais nem sempre cabem em um artigo científico, pois a ciência é objetiva!

A partir desse comentário, podemos aqui destacar sobre a grande responsabilidade da escrita e de uma pesquisa que buscamos tornar pública. Cabe

²⁰ Esse pseudônimo foi escolhido para a Mestranda Márcia Betânia Amorim e Silva, Professora de Língua Portuguesa no IFBA – Campus Valença.

ao pesquisador, em qualquer instância, a responsabilidade da clareza e objetividade em sua transcrição. Cabe lembrar, que a partir do momento em que um trabalho é publicado, leitores se sentem atraídos pelo título ou temática abordada, e a partir de então, o autor não consegue dá conta das mais distintas interpretações sobre o seu trabalho. O texto, seu conteúdo deixa de ser algo particular e passa a ser público, e nós, os autores somos responsáveis pelas informações e, em parte, pelas interpretações dos leitores.

Garota Diva tece um pertinente comentário:

“E hoje em especial, a gente tem essa observação que algumas palavras podem significar para mim alguma coisa, mas que para você, pode soar diferente. Até no falar a gente tem que ter esse cuidado, imagine na escrita... Temos mesmo que ter mais cuidado que na comunicação oral.”

A clareza, objetividade e, sobretudo, o cuidado com dados fornecidos através da escrita, como fotos e discussões são reais. A pesquisa é uma responsabilidade muito grande, não importando a idade dos escreventes, sejam eles jovens pesquisadores ou aqueles mais experientes.

Esta oficina possibilitou ao grupo, uma reflexão sobre a seriedade e responsabilidade do que estávamos nos propondo a construir. Não iríamos criar um texto com nossas ideias e julgar que estava pronto. Teríamos muito mais a fazer! A nossa opinião seria muito importante, mas esta não poderia subjugar os dados da pesquisa. Teríamos que estarmos preparados para isso.

Mais que uma simples ação, a pesquisa é um ato de responsabilidade e que no momento da construção e registro dos fatos, dados ou imagens, o texto deve seguir de forma clara e coesa, evitando dúvidas sobre o que realmente desejamos comunicar, contar, relatar ou demonstrar aos nossos leitores.

Enfim, vamos escrever! E que venha o inesperado...

3.2.1.4 Oficina IV - O Direito de imagem e outros registros na pesquisa: até onde posso ir?

O quarto encontro formativo do Projeto trazia uma discussão sobre a ética para a pesquisa: a noção de direitos, principalmente para o sujeito de cada trabalho proposto. O objetivo da oficina voltou-se para apresentar àqueles jovens pesquisadores as problemáticas acerca de registros feitos no lócus das pesquisas e

as implicações das informações que são coletadas (sigilo da pesquisa), bem como o cuidado com os entrevistados.

Para esse momento, contamos com a colaboração do Sr. SNC²¹, servidor do IFBA Campus Valença e Bacharel em Direito pela UNEB naquela cidade. No início da conversa, Sr. SNC trouxe uma discussão sobre a Ética e o Direito, onde buscou apresentar a posição da pesquisa, ilustrando a situação que, se o pesquisador faltar com a ética, toda sua pesquisa pode perder a credibilidade perante à sociedade, mas dificilmente poderá ser preso. Porém, se o mesmo pesquisador violar um direito do sujeito da pesquisa, poderá vir a responder juridicamente pelo ato.

Os alunos ouviram sobre a importância do Conselho de Ética nas instituições e o papel desses conselhos na avaliação de projetos, bem como a utilização do Termo de Consentimento de Livre Esclarecido – TCLE. E assim, perceberam que, além da responsabilidade com a escrita, dos métodos utilizados também requerem cuidados e sigilo com a identificação dos entrevistados.



Figura 13: Oficina sobre Direito na Pesquisa

Encontro importante para todo o grupo, pois perceberam que a cada passo à construção de seus trabalhos, a seriedade e responsabilidade aumentavam. Sendo inevitável a maturidade de suas ações com todos os elementos que iriam compor o

²¹ Pseudônimo concedido ao servidor Joanildo Borges de Jesus, que trabalha no setor de registros escolares e a noite cursa o último semestre de Direito no Campus XV UNEB, em Valença.

processo da pesquisa científica, a qual abordaria sobre os lugares vividos pelos sujeitos imersos na sociedade.

Todas as oficinas realizadas representaram grandes contribuições e avanços para os pesquisadores do IFBA, onde cada discussão, dúvida esclarecida, e principalmente, os momentos após as reuniões, tinham a oportunidade de exercitar no próprio trabalho escrito e aplicado, o que ouviam dos sujeitos formadores.

Foram encontros que balizaram as pesquisas desenvolvidas pelo grupo. As ações decorrentes destes são percebidas através dos desdobramentos que culminaram em seus textos e, cuidados com os registros de imagens e depoimentos em campo.

Pensamos em aumentar o número de encontros formativos, mas como citado anteriormente, alguns entraves representados pela própria dinâmica do deslocamento e agenda, impossibilitaram sua realização, porém não afetaram as atividades e as conquistas da proposta.

Contudo, a periodicidade de nossas reuniões, encontros e discussões online, supriam as lacunas que iam surgindo. Por várias e inúmeras vezes, exerci o papel e função de mediadora, conversando, orientando, “puxando a orelha” dos meninos e meninas através de mensagens na nossa página disposta na rede social ou nas salas de bate-papo!

Os encontros formativos não estão assim, representados apenas nas atividades e rodas de conversas daquelas quatro oficinas. Eles aconteciam (e ainda acontecem) diariamente, sem hora ou lugar marcado. O envolvimento de ambas as partes, a interação e o comprometimento com o trabalho, transcendem as instâncias reservadas para os encontros formais no espaço do IFBA em Valença.

Nossas reuniões acontecem quando sentimos a necessidade de acontecer. Não importa o local. Nós fazemos daquele local (a salinha da biblioteca, o pátio da escola ou a praça central da cidade), o nosso lugar de discussão onde conversamos sobre tudo: escola, pesquisa, escrita, fotos, saídas de campo, possibilidades de desdobramentos, eventos futuros, planos e tudo mais que venha a surgir e compor a pauta improvisada para aquele momento.

A cada encontro, independentemente do formato e dos ambientes, ficava claro o envolvimento de cada partícipe com sua pesquisa e isso os empolgava e os engajava em suas produções. Em alguns momentos percebi a satisfação ou a

perplexidade revelada a cada descoberta. O orgulho ou a indignação com os relatos, a simplicidade e também a grandiosidade presente em cada um deles.

Desta forma, dia após dia, os discursos, a escrita, e a criticidade daquele grupo surpreendia a todos que se dispunha a ouvi-los contar sobre seu crescimento no Projeto. Mas, havia uma espectadora que se encantava ao perceber, que a cada etapa do processo, aqueles jovens estavam realmente descobrindo e degustando o sabor em ser um pesquisador. Era gratificante vê-los descobrindo a dor e a delícia em registrar suas impressões e assim, construir o seu trabalho, as suas pesquisas.

4 O LUGAR DOS PARTÍCIPIES NO ATO DE PESQUISAR

*Pesquisar é o despertar natural trazido pela curiosidade.
A dádiva de pesquisar é um processo de continuidade,
aprendizado, dado àqueles que têm um olhar diversificado...
A prática de pesquisar é concebida pela necessidade de evolução,
contribuindo em descobertas para sociedade.*

Tássio Santana Souza²²

Foram longos e ao mesmo tempo, rápidos meses, envolvida, mergulhada e por que não, entrelaçada com os desdobramentos essa pesquisa e, sendo assim, diretamente, diariamente e por diferentes meios de comunicação, ao lado desses jovens.

Jovens que passaram a fazer parte da minha vida. E não falo da vida de pesquisadora, pois esta ainda está em fase de aprendizado, de crescimento e formação. Mas da vida de Patrícia, professora (como muitos já me conheciam), aluna, mãe, esposa e pessoa. Durante esses meses passamos a nos entender e nos reconhecer pelos olhares trocados em momentos corriqueiros nos corredores do Campus, em simples mensagens enviadas pelas redes sociais ou dispositivos móveis.

Se alguém me perguntar como poderia definir o nosso grupo de trabalho e os integrantes dele, eu assim responderia: Nosso grupo é como uma receita de Bolo! Cada ingrediente, se olhado em separado, terá sua definição e função para diferentes finalidades. Mas ao juntarmos a farinha, o fermento, os ovos, o leite, o chocolate, a manteiga, o açúcar, e soubermos o ponto certo da mistura e a ideal temperatura, ao final, teremos um maravilhoso bolo.

Juntos, sempre juntos, obtivemos resultados inesperados. Vivemos momentos inesquecíveis em nossas reuniões, e, sobretudo, nos eventos os quais fomos selecionados a apresentar nossas descobertas. Momentos eternizados em nossa memória ou registrados em fotografias compartilhadas inúmeras vezes entre amigos.

Movidos pela curiosidade nata, fomos “embalados pelas ondas da Rádio”, e alçamos vôo. Deixamos o ninho, nosso lugar, e nos apresentamos ao mundo.

²² Aluno do Ensino Médio Integrado do IFBA – Campus Valença e partícipe do Projeto A Rádio da Escola na Escola da Rádio.

Nossas discussões foram ouvidas, divulgadas e publicadas em diferentes oportunidades. Buscamos apresentar nosso lugar, não apenas através de textos científicos. Estávamos dispostos a expressar nosso olhar sobre aqueles espaços, através dos clicks subjetivos de uma lente fotográfica, concedendo às pessoas a possibilidade de uma interpretação outra sobre nossas descobertas.

Os passos curtos e ao mesmo tempo firmes de cada um daqueles jovens pesquisadores aos poucos iriam completando suas ideias. Os diferentes momentos proporcionados pelas oficinas deixavam pistas de como seguir o caminho para concretude de suas perspectivas de pesquisa. Cada um desenvolvia uma habilidade única para abordar as discussões e assim, construir distintos discursos sobre o ato de pesquisar e sobre a interpretação e descrição da memória e de fatos do “seu” lugar.

4.1 ENTRE OLHARES E LUGARES: O MOSAICO DA PESQUISA

O grupo composto por alunos do Ensino Médio Integrado que chegaram até aqui, refletem a conquista de um sonho realizado. Representam a personificação da insistência e da resistência, apesar de todas as atividades e rotinas que a escola lhe impunha, demonstrar que o ato de pesquisar pode estar em compor o cenário do currículo, do planejamento e das ações e atividades formativas.

Entre discussões e olhares, esses pesquisadores juniores tornaram grandioso o desenvolvimento da proposta, aqui apresentada e, posso afirmar: não finalizada! Isso porque o trabalho tende a seguir em frente...

Cada um desses alunos buscou a sua maneira discutir o seu lugar através de uma abordagem única e peculiar, trazendo à tona, suas alegrias e angústias com suas descobertas.

Foram construções que partiram de uma simples curiosidades em saber mais sobre o lugar, e sobre as situações ou comportamentos. Discussões que os jovens pesquisadores queriam mostrar para sociedade, através do seu olhar, e assim, compor novas discussões e promover uma situação de reflexão (ou não), sobre uma temática. Vocês podem perguntar: mas quem são esses jovens

pesquisadores? O que abordam? Como percebiam e percebem o lugar pela pesquisa?

Essas e talvez outras questões, buscarei apresentar nesta sessão, ao trazer o olhar desses jovens pesquisadores sobre seus objetos de pesquisa e a visão de cada um com a proposta do Projeto.

Para isso, apresento um recorte de cada pesquisa realizada pelo grupo de alunos nesse período de desenvolvimento do projeto, a partir de temáticas escolhidas por eles, as quais estão presentes nos questionamentos desde as transformações socioespaciais, patrimoniais, comportamentais até considerações econômicas e técnico-científico.

O resumo acompanha uma breve percepção sobre o lugar pelos jovens, os quais durante o processo dialógico entre a compreensão da pesquisa, o campo de observação e concretude de suas propostas, também passaram por algumas mudanças de pensamento. Não cabe neste trabalho fazer uma análise das considerações apresentadas pelos alunos, mas apresentar o grau de imersão ao qual eles chegaram.

4.1.1 O lugar e as transformações espaciais

Para esse ponto de discussão, tivemos dois maravilhosos trabalhos, desenvolvidos pela Garota Bob e outro pelo Garoto Abalo. Ambos escolheram essa abordagem por perceberem a necessidade de discutir algo presente e ao mesmo tempo, invisível aos olhos dos moradores de dois espaços distintos, em função da dinâmica da vida contemporânea.

O primeiro trabalho que apresento é o da Garota Bob. Uma discussão onde ela busca trazer à tona, questões sobre o desenvolvimento do Bairro do Tento, lugar onde se encontra o Campus do IFBA, na cidade de Valença, inaugurado em meados dos anos 1990.

Neste trabalho, a pesquisadora traz abordagens sobre as alterações no bairro de características tradicionais, para a atual configuração, de um desenvolvimento em meio às controvérsias da interferência do Instituto.



Figura 14: Ruas do Bairro do Tento - Valença (1990 /2014)

Fonte: Acervo da Câmara Municipal de Valença (1990) e Layane Assis (2014)

A discussão foi construída, sobretudo, em relatos de antigos moradores, pescadores, marisqueiras e comerciantes, sobre suas percepções acerca no bairro no século XXI.

As questões apontadas pelos entrevistados, bem como a coleta de imagens antigas e registro de atuais, buscaram amparo em teóricos da Geografia que discutem as transformações do espaço, bem como antigos registros sobre a composição urbana da cidade de Valença.

“Muitos autores definem lugar a partir de suas percepções de espaço e vivência. Alguns como Milton Santos relatam que o lugar é um meio de relações econômicas, espaço de compra e venda, a qual suas modificações são essenciais nesse processo. Já Yi-Fu Tuan, retrata o lugar como meio de vivência, pertencimento e construção de identidade. Como pesquisadora, passei a ver lugar de diversas formas. Assim, a partir do meu objeto de estudo, o bairro do Tento é possível vê-lo como espaço de relações comerciais ao passo que também é visto como lugar de pertencimento e identidade daquela comunidade. Portanto, para mim a percepção de lugar a partir da pesquisa representa o meio no qual seu objeto de estudo está inserido, passando a ser o contexto da proposta investigativa e os agentes externos que influenciam diretamente nela. Por fim, estabelecendo uma comparação é possível interpretar o lugar como uma folha de papel que abriga todo o texto, resultado e reunião daquela pesquisa.” (Garota Bob)²³

²³ Layane A. Costa. Aluna do 4º ano do Ensino Médio Integrado em Informática no IFBA – Campus Valença

Outra abordagem sobre a mesma temática foi construída pelo Garoto Abalo. Em sua pesquisa, ele nos oportunizou mergulhar sobre a história das transformações da pequena cidade de Laje, localizada no Vale do Jiquiriça.

Neste trabalho o jovem pesquisador buscou demonstrar a garra e perseverança de uma sociedade para continuidade de existência da cidade de Laje, que por, pelo menos três vezes, foi destruída pelas cheias do Rio Jiquiriça, no início do século XX. Ainda em suas descobertas, Garoto Abalo ressalta o valor da história oral para construção de sua pesquisa, devido a insistência de fontes bibliográficas sobre a história de reconstrução da cidade.

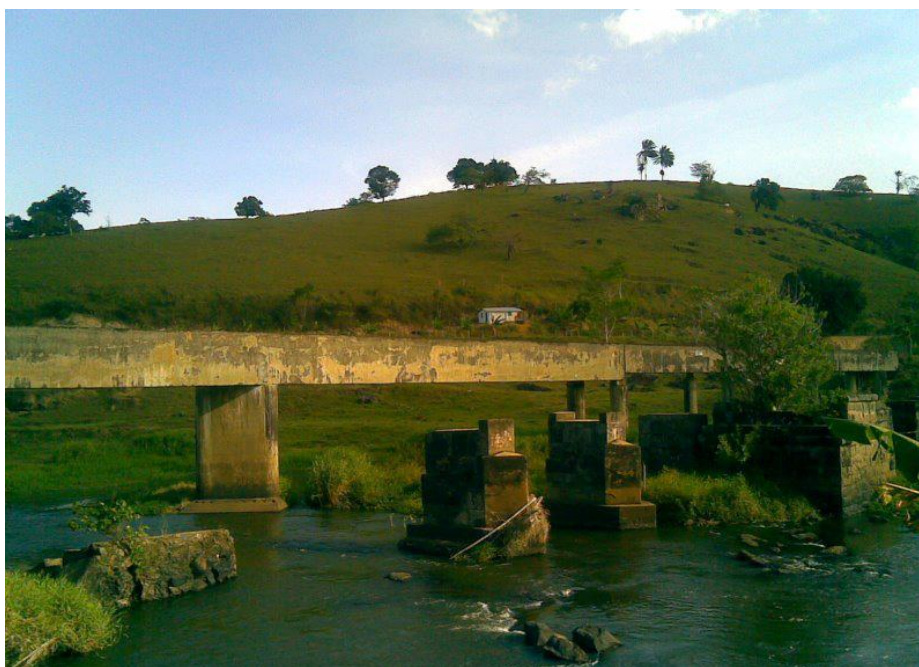


Figura 15: Antiga ponte sobre o Rio Jiquiriça na cidade de Laje – Ba
Foto: Acervo Municipal da cidade de Laje

A antiga cidade de Laje, que mudou da margem direita para a esquerda e buscou sua reconstrução, pouco conhece de sua história e raros são os registros públicos que podem levar as novas gerações lajistas a conhecer o seu passado. Os antigos casarões ou estação ferroviária que compunham a paisagem da cidade, hoje abrigam empreendimentos econômicos, sem deixar pistas sobre sua história.

“Com o Projeto A Radio da Escola na Escola da Radio, ganhei não só uma nova ideia de lugar. Ganhei uma lição de vida, não só uma simples definição de que espaço é aqui habitado e modificado pelo homem, mas

de lugar enquanto aquele vivenciado pelo homem, às vezes como recorte para lembranças. As pessoas dão o sentido ao espaço, dão sentido ao lugar. Posso dizer que não vejo Laje apenas como uma cidade modificada, pois em cada modificação presente em suas ruas, não restringe meu olhar a blocos e cimento, ali habita memórias, histórias, resistência, sonhos... tudo aquilo que esta a nossa volta, basta abrir os olhos que vamos ver a riqueza que existe ao nosso redor e muitas vezes não nos damos conta disso, o lugar eternizado no tempo é uma marca de uma sociedade, cada lugar é o espelho fiel de quem o habita! O lugar é reflexo de sua interação e transformações junto com a sociedade, presente na memória de uma cidade.”

Garoto Abalo²⁴

Em ambos os trabalhos de pesquisa os alunos buscaram dialogar com autores que lhes proporcionassem embasamento teórico e pudessem sustentar as discussões propostas. Contudo, a maior riqueza de suas ações pauta-se nas conversas realizadas com os antigos moradores desses recortes do espaço. A presença dos agentes sociais que estiveram diretamente ligados à história desses lugares e viveram suas transformações de dentro para fora da história.

Mais do que um apanhado de imagens ou teóricos, a discussão viva das pesquisas está representada na sensibilidade dos pesquisadores juniores em buscar um equilíbrio entre o que sentiam, ouviam e registravam.

4.1.2 O lugar e as questões patrimoniais

Para essa discussão temos em pauta os trabalhos de mais dois pesquisadores: Garoto Gatinho e Garoto Harry. Dois jovens que, apesar da pouca idade, sentiram a necessidade de abordar temas relevantes para qualquer sociedade: o reconhecimento e preservação de sua cultura.

O trabalho do Garoto Gatinho, que em sua pesquisa buscou apresentar a situação de abandono do antigo Teatro Municipal. Hoje é apenas um velho casarão situado na Praça da República, no centro da cidade de Valença. Um casarão datado do início do século XX, construído pelo mesmo engenheiro do Elevador Lacerda, cartão postal da capital baiana.

²⁴ Danilo S. Sousa. Aluno do 3º do Ensino Médio Integrado em Informática no IFBA – Campus Valença



Figura 16: Fachada do Teatro Municipal de Valença, 2014
Foto: Isaías Sales.

O desdobramento da pesquisa revelou os diferentes períodos vividos pelo antigo Teatro Municipal, desde os tempos de plena atividade até o completo silêncio. Períodos em que aquele lugar foi palco de grandes espetáculos, símbolo de atividade de cultura e entretenimento de uma sociedade, mas que hoje apenas abriga pombos e entulho no seu interior.

Durante o período de coleta de dados, pouco se ouviu falar de projetos para restauração e funcionamento do Teatro. Contudo, se cogita a possibilidade de sua substituição por um empreendimento comercial. Uma situação, aos olhos do jovem pesquisador, de grande descaso com a memória cultural da cidade.

“Assim como a maioria dos valencianos, eu antes do Projeto não conhecia a história de um dos traços históricos de nossa cidade. Eu o via apenas como um prédio abandonado situado no centro da cidade e que não havia importância nenhuma, estava ali como enfeite. Foi a partir do momento que foi me apresentado a proposta do grupo que vi a chance de pesquisar sobre o que antes parecia irrelevante mas que por trás da velha fachada existe uma história a ser contada e ser conhecida por aqueles que assim como eu pensava. Graças ao grupo eu pude ver que o Teatro Municipal de Valença merece ser reconhecido perante a sociedade valenciana e que a mesma deve conhecer sua história levando a trazer de volta a sua função. Partindo para outro plano, foi no grupo que fiz amizades que levarei para vida toda interligando estudantes de diferentes anos e idades mas todos com um só objetivo: pesquisar!” (Garoto Gatinho)²⁵

²⁵ Isaías da Silva Sales. Aluno do 3º ano do Ensino Médio Integrado em Informática no IFBA – Campus Valença

Já no trabalho do Garoto Harry, temos como principal pano de fundo, a Feira de Caxixis, que ocorre anualmente durante o período da Semana Santa, na cidade de Nazaré, também conhecida como Nazaré das Farinhas.

Em suas idas e vindas da pesquisa, Harry nos convida a conhecer a tradicional Feira de Caxixis, a partir do trabalho manual dos oleiros do pequeno distrito de Maragogipinho, localizado na cidade vizinha de Aratuípe. Uma tradição que foi passada de geração a geração, mantendo sua rusticidade desde a confecção das peças até a venda em pequenas barracas espalhadas pela cidade.



Figura 17: Peças em produção nas Olarias de Maragogipinho, 2014
Foto Tássio Santana

A discussão de Harry em sua pesquisa versa sobre como a Feira contribuiu para a divulgação da cidade de Nazaré, visto que a atividade foi reconhecida como uma das maiores feiras de artesanato ao ar livre na América Latina. Por outro lado, não há nenhuma regulamentação ou documentação que reconheça a Feira como patrimônio imaterial. Assim nasce o grande desejo de Harry: buscar junto as instâncias competentes, através de seu trabalho, o reconhecimento da Feira como patrimônio cultural da região, e assim, assegurar (talvez), a sua continuidade, gerações futuras.

“Quando fui convidado a participar desse grupo pela então pesquisadora Layane Assis, eu me perguntava constantemente o que era ser

pesquisador. Eu pesava que fosse trabalhar para Nasa, fazer Robôs, desenvolver tecnologia. Mas ao longo do processo que fui vivendo na Rádio, percebi que a pesquisa vai além disso. Pesquisar é transformar o olhar do mundo ao seu redor, compreendendo as interferências lhe impostas ou causadas. Ser pesquisador é um dom nato, é ter um olhar livre, crítico, e curioso para as coisas do dia a dia. São as indagações, as discrições do conhecimento, assim, se reconhecer no espaço como um transformador de realidades.

Sempre fui um ser questionador, porém isso não me tornava pesquisador, pois faltava algo mais, era o posicionamento, de nada adianta você ter o conhecimento se não souber usar, e foi esse posicionamento que eu aprendi na Rádio. Como usar de maneira sensata o conhecimento e como passá-lo para frente. As oficinas foram de grande ajuda nesse sentido, elas organizaram os conteúdos que nós, pesquisadores em crescimento, tínhamos.

Aquele menino, advindo de uma pequena cidade do interior, tornou-se um pesquisador sério e responsável, em que busca sugar até há ultima gota desse pote, que é o mundo da pesquisa. Hoje eu posso dizer que fui educado pela pesquisa, e compreendo que fui agraciado e abraçado por esse grupo, e faço parte desse sonho transformado em realidade.” (Garoto Harry)²⁶

Foi possível perceber nestes dois trabalhos, que a maior preocupação dos jovens pesquisadores centra-se no reconhecimento e valorização da cultura de suas cidades, tanto o Teatro Municipal de Valença quanto a Feira de Caxixis em Nazaré.

Buscamos que, com a divulgação dessas pesquisas, alcançar e difundir aos cidadãos a sensibilidade pela causa, e que juntos possamos fazer do assunto pesquisado, lugares reconstruídos, ressignificados e pertencentes aos sujeitos através de práticas de registro, memória e recuperação.

4.1.3 O lugar e as questões econômicas

Duas pesquisadoras do Projeto da Rádio desenvolvido no IFBA se debruçaram às questões sobre as relações do lugar, seu desenvolvimento a partir da ótica econômica: ação da Garota Soneca e da Garota Estrela.

Soneca trouxe para o Grupo suas angústias e inquietações acerca da situação dos trabalhadores informais na cidade de Valença – BA, sobretudo, àqueles que estavam localizados entre o centro comercial e o cais da cidade. Uma pesquisa voltada ao labor dessas pessoas, que direta ou indiretamente, contribuem para a movimentação econômica da cidade. Assim, conhecer a rotina,

²⁶ Tássio Santana Souza . Aluno do 3º ano do Ensino Médio Integrado em Informática no IFBA – Campus Valença

motivação e perspectivas desses “empreendedores” era o grande objetivo da pesquisa desenvolvida.



Figura 18: Comércio nas ruas de Valença, 2014
Foto: Emylle Bomfim

Esta temática demanda a construção de confiança de seus entrevistados, pois a desconfiança estava sempre presente nos olhares, ao mesmo tempo curiosos, daqueles trabalhadores. Homens e mulheres com idades distintas e ofertas de produtos sem igual dimensão. Uma paisagem urbana nas ruas do centro da cidade, que transformam a dinâmica comercial durante os sete dias na semana.

Durante a execução da pesquisa, Soneca conversou com vendedores de frutas, verduras, tempero, mariscos, eletrônicos, CDs e DVDs alternativos e utilidades para o lar. Cada um contava uma história diferente sobre seu dia a dia de vendas nas ruas da cidade. Mas em alguns pontos, as respostas estavam bem afinadas: todos, apesar de apontar a falta de oportunidades de emprego formal, estavam satisfeitos com a vida econômica alternativa que levavam. Um motivo estava sempre presente para essa satisfação: ser dono do seu pequeno negócio!

“A cada dia a sociedade tem se transformado em pequenas ilhas, onde a pressa e os afazeres diários tem nos impedido de perceber o nosso redor e olhar mais atentamente para o nosso lugar. Quando você anda despercebido por entre as ruas da sua cidade, não nota a quantidade de mudanças e questões sociais que ocorrem por segundo, e pouco a pouco tudo ali vai ganhando novos rumos e a gente nem sabe como

aconteceu. Mas num dado momento da sua vida você se depara com a pesquisa, ela te abre os olhos e te faz questionar, descobrir e discutir aquilo que faz parte de você, mas que até então ignorava. A partir desse episódio você não nunca mais será a mesma pessoa, tudo começa a se conectar e você enxerga tudo de uma nova perspectiva, com um outro olhar, e é nesse instante que você realmente começa a se inserir nas questões do lugar. É assim que me sinto, sou parte das questões sociais e econômicas que pesquiso, sou a consumidora que compra na mão do ambulante que eu mesma entrevisto, sou o espaço, sou o lugar pesquisando a si mesmo.” (Garota Soneca)²⁷

Os negócios, economia ou empreendimentos econômicos como agentes transformadores da cidade de Ituberá – BA configuraram a pesquisa da Garota Celeste, a qual buscou abordar o desenvolvimento da cidade a partir da ótica dos empreendimentos econômicos instalados na cidade.

Em sua pesquisa, Celeste buscou uma construção de linha do tempo, visando apresentar as transformações urbanas da antiga Vila de Santo André à qual (re)conhecemos nos dias atuais, como Ituberá. Em suas descobertas, a pesquisadora levantou informações que muitos moradores desconheciam, tais como os empreendimentos que ali se instalaram ou até mesmo, a chegada de alguns imigrantes asiáticos, aos poucos, contribuía para uma reordenação espacial da cidade.



Figura 19: Vista aérea da cidade de Ituberá

Fonte: <<http://lindomarinformatica.blogspot.com.br>>

²⁷ Emylle Barbosa B. de Almeida. Ex-aluna do Ensino Médio Integrado em Aquicultura do IFBA Campus Valença, que apesar de ter concluído seus estudos em 2013, continuou engajada à dinâmica do Projeto e concluiu sua pesquisa.

Mesmo sem muitos registros, sua vontade em saber mais sobre aquele lugar onde nasceu e, que pouco conhecia sobre seu passado, não desanimou a jovem. Aos poucos, como peças de um quebra-cabeça que trazia três grandes bases de discussão: história, memória e Geografia, Estrela conseguiu elementos para melhor compreensão dos dados e êxito de sua proposta investigativa. Dados como os primeiros empreendimentos, produtos e destinos da produção, bem como as famílias ituberenses pioneiras nas atividades econômicas, urbanas e rurais da cidade. Vale ressaltar que essas peças, muitas delas, foram fornecidas através de conversas e entrevistas com antigos moradores da cidade, os quais forneceram, além do “arquivo vivo” de suas memórias, algumas imagens que passaram a compor o trabalho da pesquisadora.

“O lugar pra mim é movimento e simbiose. Não há como negar o conteúdo das práticas sócio espaciais numa percepção espaço e tempo. São as relações humanas que dão forma e conteúdo ao lugar, pois este não pode ser pensado apenas como espaço geográfico e dessa forma naturalizado. É claro que há a ideia de espaço físico e de conjunto de elementos naturais, mas estes numa análise sobre lugar não constituem por inteiro a ideia do que o mesmo é.” (Garota Celeste)²⁸

4.1.4 O lugar e as questões de identidade

Normalmente quando pensamos em um lugar, pensamos em sua composição física, na paisagem, sua estrutura, suas características fisiográficas entre outros elementos visivelmente identificados. Mas o que são os lugares sem as pessoas que os completam e ao mesmo tempo os definem? São os lugares de afirmação. Ou poderia ser também de negação. Não me refiro aqui ao lugar da topofobia. Mas da negação como ser social desse lugar.

E nesse pensamento, de refletir sobre os lugares de afirmação ou negação como ser social, o Garoto Mestre construiu sua pesquisa, ao objetivar uma discussão sobre o “ser negro” em duas escolas distintas na cidade de Valença: uma de ensino particular e outra da rede pública.

Em seu trabalho, Mestre buscou uma reflexão acerca do jovem negro, sua afirmação e às vezes negação, de sua negritude, em virtude do espaço onde viva

²⁸ Yasmim S. Conceição. Aluna do 4º ano do Ensino Médio Integrado em Informática no IFBA – Campus Valença

ou conviva. Foi um trabalho de pesquisa grandioso, que possibilitou a percepção de como espaços de ensino, públicos ou privados, influenciam no comportamento dos jovens, os quais muitas vezes, se negam o direito de ser, pelo prazer de estar.

Através do projeto da Rádio minha visão geográfica ampliou transcendendo ao espaço físico e percebendo as mais diversas conexões, sejam elas simples ou complexas, que levam o indivíduo a exercer determinada função na sociedade. No meu trabalho, especificamente, como trabalho com jovens negros, foi possível identificar o porquê que determinadas pessoas encontram-se em situação de vulnerabilidade socioeconômica e que estão nessa situação, não porque querem ou por não possuir méritos, habilidades e competências, mas sim, por diversas situações, históricas, políticas, culturais e sociais, que o condicionaram a ser o que ele é. Evidentemente, alguns conseguem transpor essas barreiras, todavia, são casos isolados. Ademais, ao ouvir os trabalhos dos colegas que falam sobre suas cidades ou escola é possível sentir, além do sentimento de reconhecimento do lugar, a importância dele para quem apresenta e (re)conta aquela história. As oficinas tiveram uma importância singular nesse processo, pois foi através delas que nos foi orientado a perceber os detalhes, aquilo que ninguém percebe, a fazer o trabalho de um investigador. (Garoto Mestre)²⁹

Em cada um destes trabalhos, podemos identificar fatores e elementos subjetivos e singulares desses sujeitos, por exemplo a personalidade e ao mesmo tempo o potencial de criticidade dos alunos que participaram dessa primeira etapa do Projeto no IFBA. O envolvimento, o domínio e a propriedade das discussões abordadas, refletia a grandeza e o reconhecimento à resposta da proposta da Rádio: uma proposta de intervenção na escola, a qual visa, a partir da educação geográfica, perceber os nuances do lugar. Durante o desenvolvimento do trabalho o sentimento de pertencimento, a relação com o lugar e todo significado remetido a ele, era algo visível em seus discursos. A subjetividade, daqueles jovens sobre seus lócus de trabalho, remetia às discussões sobre o lugar, seu lugar, nossos lugares.

Com efeito, na perspectiva do espaço vivido, o sentimento de proximidade e de identidade está na base da comunicação entre dois sujeitos: o pesquisador e a região. A consciência do primeiro sujeito é sensível e compreensível à do segundo sujeito, definida pela vida regional, suas representações, valores e ritos, e só poderá ser inteligível se for vivida também pelo pesquisador. O espaço vivido deve, portanto, ser compreendido como espaço de vida, construído e representado pelos atores sociais que circulam neste

²⁹ Esaú S. Muniz Junior. Aluno do 4º ano no Ensino Médio Integrado em Guia de Turismo Regional no IFBA – Campus Valença.

espaço, mas também vivido pelo geógrafo que, para interpretar, precisa penetrar completamente este ambiente. (GOMES, 1996, p. 319)³⁰

A cada passo da pesquisa, os pesquisadores juniores demonstravam crescimento e sabedoria, que por muitas vezes, me deixaram surpresa e orgulhosa! Vê-los construindo suas pesquisas, o debate sobre o que abordar em suas escritas, a escolha de entrevistados ou áreas para coleta de imagens, decisões sobre a estrutura dos textos, bem como organização de suas apresentações, era algo que caminhava para além das minhas expectativas.

Individualmente, nenhum poderia ser comparado ao outro. Mas como grupo–família, todos estavam crescendo em uma proporção sem igual. Aquela receita de bolo, deu certo!

4.2 COLHENDO ALGUNS FRUTOS

*Leve os jovens a enxergar os singelos momentos,
a força que surge nas perdas, a segurança que brota no caos,
a grandeza que emana dos pequenos gestos!*
Augusto Cury

Uma vez, ouvi em um filme desses de heróis, que “qualquer um que queira encontrar o seu caminho, tem primeiro que admitir que não tem a menor ideia de onde está”. Depois de alguns anos, finalmente compreendo a mensagem...

Confesso que quando iniciei esse trabalho, não sabia mesmo por onde começar e muito menos, aonde chegaria, mas sabia que seria algo desafiador. E foi, para mim e para meus pesquisadores.

Aquela semente que foi semeada colaborativamente pelo GEOTEC, germinou no Campus do IFBA, através desses jovens que, resolveram embarcar nessa aventura da pesquisa, e assim, (re)descobrir os seus lugares como seres sociais, agentes mobilizadores, produtores de sentidos e singularidades através de suas práticas e ações. E como toda boa semente, que cai em solo fértil, crescemos nos fortalecemos e frutificamos.

³⁰ Apesar de o autor fazer referências ao papel do geógrafo e sua imersão no método científico da pesquisa, a citação pode ser redimensionada aos pesquisadores do Projeto da Rádio no IFBA Campus Valença, quando também percebemos o grau de imersão destes através dos resultados de suas pesquisas e a percepção de lugar a partir desse processo.

Alguns desses frutos puderam ser saboreados em diferentes ambientes e modalidades de eventos, os quais tivemos a honra em participar e mostrar um pouco do que estávamos fazendo.

4.2.1 8º Encontro Interdisciplinar de Cultura Tecnologias e Educação

O nosso primeiro momento aconteceu ainda em 2013, ao participarmos do 8º Encontro Interdisciplinar de Cultura Tecnologias e Educação – INTERCULTE, realizado anualmente pela UNIJORGE. Naquela oportunidade, estávamos como “frutos verdinhos”, receosos pelo o que estava por vir. Mas vencemos o medo e saímos mais fortalecidos e confiantes em nossas ações.



Figura 20: Grupo de alunos após apresentação no INTERCULTE em 2013

Os elogios tecidos ao nosso grupo deixaram a todos empolgados e a mim, mais que emocionada! O INTECULTE foi nosso primeiro voo rasante. A partir daquele momento começávamos a ensaiar voos mais altos...

4.2.2 II Seminário de Pesquisa do IFBA – Campus Valença

Ainda naquele ano, apresentamos nossas perspectivas de pesquisa em nossa casa, no Campus Valença, no II Seminário de Pesquisa. A Comissão Organizadora nos cedeu a oportunidade de participação, visando incentivar aqueles jovens em suas atividades, visto que o evento não havia inscrição de outros alunos do Ensino Médio, exceto aqueles que eram partícipes de PIBICJr ou projetos ligados ao PAEE / PINA.



Figura 21: Alunos no Seminário de Pesquisa do IFBA – Campus Valença

Aquela noite foi proveitosa para ouvirmos as contribuições dos colegas da Instituição. Muitos deles, que coordenavam eixos de discussão, eram professores daqueles alunos, que ficaram surpresos em vê-los em outra dinâmica e com comportamentos distintos da sala de aula ou pátio da escola.

4.2.3 66ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

No ano de 2014, a maioria dos trabalhos esteve em ritmo acelerado nos processos de investigação e produção textual, ousamos mais e fomos parar no

Estado do Acre, na 66ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, realizada na cidade de Rio Branco. Tudo começou com uma possibilidade, mas logo virou coisa séria, pois de oito trabalhos encaminhados, tivemos a aprovação de seis.



Figura 22: Representantes do Grupo na 66ª SBPC em Rio Branco – AC

A partir desse momento, a comunidade do IFBA, de maneira geral, passou a olhar enxergar o grupo, ao passo que tudo que fazíamos foi veiculado no sítio da Instituição, espaço acessado pela comunidade acadêmica, científica e, para além das fronteiras do IFBA e do Estado da Bahia. Recebemos apoio, incondicional, da Direção do Campus, bem como da Reitoria do IFBA, a qual autorizou a liberação de recursos destinados às passagens aéreas, hospedagem, alimentação e deslocamento para os alunos apresentadores das comunicações.

*Uma grande realização de reconhecimento do trabalho, não apenas meu, mas do grupo a 'Rádio da Escola na Escola da Rádio', além de ser um grande passo para o desenvolvimento de pesquisas futuras, visto que participar de eventos de pesquisas científicas engrandece o pesquisador em experiências no contato com novas ideias e discussões.*³¹ (Garota Bob)

³¹ Fragmento de entrevista aos alunos que tiveram seus trabalhos aceitos pela 66ª SBPC, realizada pela Diretoria de Comunicação Social do IFBA. Disponível em: <<http://www.portal.ifba.edu.br/noticias/alunos-de-valenca-sao-aprovados-pela-sbpc.html>>.

Voltamos da 66ª SBPC mais confiantes, e com a sensação de que ainda teríamos muito a fazer. Nossas ações passaram ser acompanhadas mais de perto pela Gerência de Comunicação Social do IFBA, e também pelos setores de Ensino e Pedagógico do IFBA Campus Valença.

4.2.4 12ª Feira dos Municípios e a 3ª Mostra de Iniciação Científica da Bahia

No início do segundo semestre de 2014, tivemos oito trabalhos aceitos para 12ª Feira dos Municípios e a 3ª Mostra de Iniciação Científica da Bahia – FEMMIC, realizada pelo Instituto Federal Baiano, na cidade de Catu. Um evento destinado, a socialização de pesquisas, realizadas por alunos do Ensino Médio e apresenta-se como etapa seletiva para Feira Nacional de Ciências e Engenharia - FEBRACE, que ocorre anualmente em São Paulo – SP.

Estávamos entre pesquisadores de diferentes lugares do Brasil, onde todos os stands³² continham histórias com um misto de curiosidades, desejo e esperança, não visando ter o trabalho premiado pelos avaliadores do evento, mas, sobretudo, reconhecido e conhecido por outros pesquisadores presentes.

Sáímos da FEMMIC com duas premiações: Uma para a Garota Bob, que recebeu o prêmio de bolsista por um ano do CNPq, como melhor trabalho na área de Ciências Humanas. A segunda premiação foi para Garota Soneca, que teve seu trabalho recomendado para uma Feira Nacional dos Institutos Federais, realizada em Minas Gerais, no mês de setembro de 2014.

³² Na 12ª FEMMIC realizada pelo IFBaiano de Catu, os jovens pesquisadores tiveram seus espaços de apresentação organizados em pequenos stands. Nestes espaços, eles recebiam os visitantes, como alunos de outras instituições, outros participantes, assim como, os avaliadores do evento, que estavam ali para classificar os melhores projetos e indica-los para outras Feiras de Iniciação Científica.



Figura 23: Partícipes da Rádio na FEMMIC 2014

Após a experiência da FEMMIC, nos concentramos para finalização de algumas ações de nosso cronograma e posteriormente, voltamos para as edições de 2014 do INTERCULTE e também do Seminário de Pesquisa do IFBA, além de participar da II Encontro de Pesquisadores da Rádio, realizado na UNEB em outubro daquele ano.

Nesta retrospectiva as comunicações socializadas em diferentes eventos, saliento que o fruto desse trabalho não está representado pela divulgação dos textos, em etapas distintas das pesquisas dos alunos. Pensamos mais que isso! Mas o tempo nem sempre esteve ao nosso lado.

A dinâmica das aulas que o grupo de alunos tinha a frequentar, muitas vezes com 16 disciplinas semanais para dar conta, e do meu lado, a responsabilidade como docente e ao mesmo tempo, discente de um Programa de Mestrado não foi fácil: coordenar as ações do Projeto, orientar os trabalhos, corrigir etapas de textos, acompanhá-los em eventos, ajudar nos registros disponíveis também no ambiente virtual.

Mas mesmo neste turbilhão, ainda pensamos em outras formas de desdobrar nossas pesquisas: uma coletânea dos melhores textos produzidos, juntamente com as imagens, que foram registradas pelos alunos. Esse material,

denominado *Caleidoscópio: outro olhar sobre o lugar*,³³ constitui um catálogo anual, que será entregue nas bibliotecas, escolas, prefeituras, secretarias, sendo disponibilizadas nas comunidades que foram o berço de nossas descobertas.

Buscamos assim, retribuir a atenção e colaboração daquelas pessoas que ajudaram a construção do trabalho dos pesquisadores juniores do IFBA, e por seguinte, ao meu também. As nossas impressões, o nosso olhar sobre o lugar, não representará o final da história, mas talvez o começo para novas descobertas.



Figura 24: Capa do Caleidoscópio, lançado no ano de 2015

³³ Material de natureza impressa, produzido juntamente pelos alunos partícipes do Projeto da Rádio, onde reúne um recorte das pesquisas e imagens registradas durante o processo de investigação. De periodicidade anual, visa ser um veículo de divulgação das pesquisas realizadas pelos alunos do Projeto, não se restringindo ao espaço do IFBA – Valença, mas a todos os jovens pesquisadores da Rádio da Escola na Escola da Rádio.

CONSIDERAÇÕES, REFLEXÕES E INQUIETAÇÕES

*Que é, hoje, a consciência do lugar?
Não nos embaracemos com essa questão,
penúltima herança das ideias estabelecidas em
um mundo quase imóvel. Hoje, certamente mais
importante que a consciência do lugar
é a consciência de mundo, obtida através do lugar.
Milton Santos*

Desejei tanto chegar ao final desse trabalho, e quando vi que estava iniciando a parte das considerações finais, percebo que não acabei! Infelizmente, não! Felizmente não!

Depois de um longo caminho, e ao mesmo tempo curto para as ideias que surgem no final. Depois de sofrer com o processo da pesquisa e registro de meus pensamentos, encontros e desencontros com autores, questões epistêmicas, ajustes de abordagens, e todos os demais elementos que juntos, compuseram esta obra, é chegada a hora de colocar o ponto final.

E neste momento, me sinto ainda incompleta. Não que minha pesquisa não esteja me satisfazendo, mas continuo com aquele gostinho que poderia ter ido mais além... Sinto que não findo aqui o papel assumido ao apresentar aos jovens do IFBA – Campus Valença, a proposta do Projeto A Rádio da Escola na Escola da Rádio. Ainda há muito por fazer, muito a aprender sobre esse recorte pensado para aquele *lugar*, a partir de provocações da Educação Geográfica.

Lembro que lá atrás, quando escrevia e reescrevia o texto sobre lugar, por muitas vezes, me encontrei perdida, e ao mesmo tempo, encantada com as possibilidades de discussão de algo, que parece, só parece, aos olhos leigos, uma discussão simplória. Prometi a mim mesma, que em outra etapa de estudos, irei-me enverar mais profundamente na discussão.

Durante a construção desse trabalho outros momentos marcaram, não só a mim, mas acredito que a todo o Grupo de Valença: a saída gradativa de alguns integrantes iniciais. Compreendemos os motivos e necessidades que cada um teve para nos deixar no decorrer do processo, mas Aprendiz, Bidu, Corujinha, Diva, Elly, Gasparzinho, Marrento, Moleca, Mônica e Panda, deixaram lacunas que, mesmo envolvidos nas dinâmicas do Projeto, com atividades, reuniões e

produções, sempre o nome de um ou outro saía na conversa. Riamos por um tempo e depois voltávamos ao trabalho, afinal o Projeto seguia...

Aos poucos, os objetivos traçados foram sendo realizados, na medida em que caminhávamos juntos no desenvolver das ações investigativas daqueles jovens pesquisadores. Vivemos um misto de interesses e metas, pois todos sabiam da pesquisa dos outros, e passamos a opinar, criticar, construir e reconstruir juntos os trabalhos. Ninguém nunca esteve sozinho por completo. E mesmo na escrita de seus textos, as dúvidas, anseios e descobertas eram sempre compartilhados. Isso acontecia inclusive nas apresentações, quando no momento das considerações, os demais que estavam na plateia, sempre se colocavam na defesa do trabalho do parceiro. O nome disso? Companheirismo! Cumplicidade! Família Rádio.

Essa sensação também trago em mim, desde que entrei para o Programa do GESTEC, e fui acolhida pelo GEOTEC, onde encontrei na academia, os pilares de minha sustentação. Esses pilares me deram força, ânimo e coragem nos diferentes momentos de construção desse trabalho.

Entre ventanias e calmarias, com a ajuda do meu grupo de pesquisa, foi possível a construção dessa discussão aqui transcrita, como um resultado do processo desenvolvido através de trabalho onde se pesquisou participando e ao mesmo tempo, se participou pesquisando. Uma discussão de engajamento com algo desejado, uma ação intervencionista e porque não dizer, instituinte. Uma proposta por uma educação outra, que acreditar que o espaço da escola pode ser mais do que mostra ser.

O espaço da escola por muito tempo vem seguindo um modelo de educação voltado mais a reprodução de conhecimento do que a valorização ou o incentivo para construção de novos. A curiosidade e com ela, o processo criativo de nossos alunos está sendo, gradativamente morto nas escolas. E estas por sua vez, se tornam enfadonhas e desinteressantes aos olhos, sobretudo, dos jovens, que não se reconhecem nesse lugar.

Nossos alunos trazem histórias, sentimentos e curiosidades sobre seus lugares, que por vezes, não tem espaço dentro do cronômetro daquela aula planejada por horas. Sem nos darmos conta, enterramos ali, a possibilidade de transformar, mais que uma aula, mas as perspectivas de um aluno curioso, um

futuro pesquisador. Sim, porque a pesquisa nasce da curiosidade, das questões mais simples, das perguntas mais despretensiosas.

As possibilidades que a escola tem de proporcionar aos alunos a (re)descoberta de histórias e situações sobre o seu lugar, pode levar ao desenvolvimento de jovens mais críticos sobre o mundo ao seu redor. Conduzindo-os à compreensão do lugar e das transformações que nele acontecem, bem como a percepção do mesmo enquanto microcosmo do espaço, como totalidade e ao mesmo tempo, como reflexo de simbiose social.

Nessa perspectiva e acreditando nessas possibilidades, o Projeto *A Rádio da Escola na Escola da Rádio* se faz presente no espaço do IFBA, bem como em outras escolas, e espaços não formais de educação, através de uma proposta de intervenção no pensar educação. Por uma educação pautada também pelo viés da educação científica, trazendo aos jovens a possibilidade de apresentar seus questionamentos e a partir deles, desvelar propostas de investigação sobre seus lugares.

Podemos fazer mais que os limites da sala de aula. Nossos alunos apresentam um potencial incrível, que fica escondido ou subutilizado através de avaliações quantitativas. Esses jovens vivem o dia a dia de situações descontextualizadas pela escola e pouco se reconhecem nas discussões propostas. Que tal propor uma educação outra, com um rigor outro, mas com algo em comum: prepará-los como agentes críticos nesta sociedade cada vez mais exigente e transformadora?

Essa é a proposta de desenvolvimento do Projeto *A Rádio da Escola na Escola da Rádio*, que chegou ao Campus Valença como uma possibilidade de trabalho voltada a um viés da educação científica, na qual os alunos partícipes da proposta passam a desvelar questões sobre o seu lugar, através das discussões promovidas pela educação geográfica.

Nessa trama, foram desenvolvidas atividades tais como as oficinas, os trabalhos de campo, as apresentações de trabalhos, que mesclam com o processo formativo/informativo da pesquisa, permitindo ao Grupo, o desenvolvimento, habilidades e competências para (re)conhecer o espaço ao seu entorno, percebendo seus contextos e valorizando sua história e memória.

Procuramos proporcionar àqueles que contribuíram com nossas descobertas, mais uma fonte de conhecimento, e por que não dizer até mesmo reconhecimento sobre o seu lugar. Essa fonte materializa-se no Catálogo Caleidoscópio, composto de imagens e breves percepções dos partícipes, sobre o lugar, fosse ele influenciado pelas questões econômicas, culturais ou de ordem das transformações sócio-espaciais.

Pouco de tudo aqui seria possível, sem o aporte da Educação Geográfica, a qual emergiu sobre a dinâmica desenvolvida no Projeto da Rádio, com esses pesquisadores do IFBA Campus Valença. Aos poucos, cada um foi descobrindo que a Geografia estava presente em tudo e em todos os lugares pesquisados. A sua contextualização sobre as situações discutidas, envolviam temáticas já levantadas em suas atividades escolares. Na vivência da pesquisa, eles experimentaram, e, sobretudo, compartilharam conhecimentos e responsabilidades com aqueles que agentes sociais, os quais estavam no centro de suas descobertas.

E essa experiência deixou aflorar o sentimento de pertencimento, envolvimento e também, de encantamento sobre o lugar que cada um desses alunos, escolheu para compor suas pesquisas. Por mais que tenhamos admitido ser o lugar uma pequena peça do grande quebra-cabeça do espaço geográfico, suscetível às influências do mundo, nele estão representadas as nossas referências do próprio mundo. Nosso lugar é o nosso mundo.

Um mundo de esperança e desapontamento. De pressa e descanso. De pertencimento e exclusão. De ganho e também de perdas. É no lugar que as histórias acontecem e são eternizadas por contadores em todo o mundo. É no lugar que criamos pensamentos que se materializam nas pequenas peças de caxixis, que estão espalhadas pelo mundo. Em certo lugar, uma escola se instalou e formou alunos que “ganharam o mundo”, e que hoje relembram daquele tempo, de uma antiga farda azul, os caminhos que percorriam nas ruas de um pequeno bairro humilde, para chegar a sua aula. Alguns relembram de lugares que já não existem mais, porém seria possível escutar o som dos aplausos ao passar em frente a fachada do velho casarão, que outrora abrigou grandes espetáculos.

Esses exemplos são reais, assim como o que lhe proponho a fazer: pense em um lugar que tenha lhe marcado a vida, feche os olhos e estará lá. Existindo ele hoje ou não. Isso só é possível, porque todos nós temos um lugar que nos revela quem fomos ou somos.

Discutir sobre o lugar abre várias possibilidades de interpretações, pois para cada pessoa, a temática poderá seguir caminhos bem distintos. Nesta proposta, buscamos apresentar uma discussão do lugar a partir da Educação Geográfica na construção das pesquisas dos jovens pesquisadores do Ensino Médio do IFBA Campus Valença. Um trabalho como esse, não consegue ser mensurado em sua totalidade na escrita. Existem passos e situações vividas, que acontecem naturalmente, que foge aos nossos olhos, como um dado a ser relatado. Mas é o primeiro passo para demonstrar as possibilidades de uma outra educação através da pesquisa, onde jovens possam ter a oportunidade de dialogar com questões do seu cotidiano atreladas a processos formativos, que lhe possibilitarão um outro olhar sobre o seu mundo, sobre o seu lugar.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. **A Poética do Espaço**. Trad. Franklin Leopoldo e Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- BOMFIM, N. R. ROCHA, L. B. (Org.). **As representações na Geografia**. Ilhéus: Editus, 2012.
- BRITO, F. J. de O. **Análise crítica da cartografia**: potencialidades do uso de mapas na contemporaneidade. Tese de Doutorado, Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2013, 130 p.
- BUTTIMER, A. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982.
- CALLAI, H. C. **Educação Geográfica**: reflexão e prática. Ijuí: Ed. Injuí, 2011.
- _____. O ensino de Geografia: recortes espaciais para análise. In: CASTROGIOVANNI et al. **Geografia em sala de aula**: Práticas e reflexões. 2. ed. Porto Alegre. Ed. da Universidade/UFRGS, 1999.
- _____. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996
- CAVALCANTI, L. de S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas, SP: Papirus, 1998.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CORREA, R. L. Espaço, um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORREA, R. L. (Orgs.) **Geografia**: conceitos e temas. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- DEMO, P.. **Educar pela pesquisa**. 7. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.
- FARIA, M. O. de. **Em busca de uma epistemologia de geografia escolar**: a transposição didática. Tese de Doutorado, Universidade Federal da Bahia – UFBA, 2012. 230p.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GABARRÓN, L. R., LANDA, L. H. O que é pesquisa participante. In: BRANDÃO, C.R. STRECK, D. R. **Pesquisa Participante**: o saber da partilha. Aparecida: Idéias e Letras, 2006, p. 93-121.

GOMES, P. C. da C. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GONÇALVES, N. M. S.; SILVA, M. A. da; LAGE, C. S. **Os lugares do mundo: a globalização dos lugares**. Salvador: UFBA, 2000.

HETKOWSKI, T. M. Geotecnologia: como explorar educação cartográfica com as novas gerações? In: XV Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino (ENDIPE), 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, MG: UFMG, 2010.

_____. Dialética Interna: tecnologias da informação e comunicação e formação de professores. In: HETKOWSKI, T. M.; NASCIMENTO, A. D. (Org.). **Educação e Contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas**. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2009, v. 700, p. 231-250.

KAERCHER, N. A. A geografia é o nosso dia a dia. In: CATROGIOBANNI et. al. **Geografia em sala de aula: Práticas e reflexões**. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1999, pp. 11-22.

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. 3. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

_____. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev. 2006.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 2010. 160 p.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA Jr., A. S. de; HETKOWSKI, T. M. Educação e Contemporaneidade: por uma abordagem histórico-antropológica da tecnologia e da práxis humana como fundamento dos processos formativos e educacionais. In: LIMA Jr., A. S. de;

HETKOWSKI, T. M. **PodCasting e rádio convencional: resgatando a memória da cidade de salvador (BA)**. In: X CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (EDUCERE) E I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO (SIRSSE), 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba, PR: PUC, 2011

_____. (Orgs). **Educação e Contemporaneidade: desafios para a pesquisa e a pós-graduação**. Rio de Janeiro: Quarteto, 2006.

MASSEY, D. B. **Pelo espaço: uma política de espacialidade**. Tradução de Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbart. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MELLO, J. B. F. de. O triunfo do lugar sobre o espaço. In: MARANDOLA Jr., E.; WERTHERHOLZER, L. de O. (Orgs.) **Qual o espaço do lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 33-68..

MORAES, A. C. R. **Geografia: pequena história crítica**. 20. ed. São Paulo: Annablume, 2005.

NASCIMENTO, F. dos S. **Educação cartográfica e itinerários do espaço: tecendo vias e práticas à concepção do jogo-simulador *kimera***. Dissertação de Mestrado. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, 2013. 146.p

OLIVEIRA JUNIOR, W. M. de. Lugares Geográficos e(m) Locais Narrativos: um modo de se aproximar das geografias de cinema. In: MARANDOLA JÚNIOR, E.; WERTHERHOLZER, L. de O. (Orgs.) **Qual o espaço do lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 119- 154.

OLIVEIRA, L. de. **O sentido do lugar**. In: MARANDOLA JÚNIOR, E.; WERTHERHOLZER, L. de O. (Orgs.) **Qual o espaço do lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 3-16

PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. In: **Ética e História Oral**. Projeto História. Revista do Programa de Estudos pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, vol, 15, 1997. p. 13-49.

REGO, Nelson A geografia educadora, isso serve para... In: _____; CASTROGIOVANNI, A. C.; KAERCHER, N. A. **Geografia: Práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007, pp.9-14.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JÚNIOR, E.; WERTHERHOLZER, L. de O. (Orgs.) **Qual o espaço do lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 17-32.

SANTÍN ESTEBAN, M. P. **Pesquisa qualitativa em educação**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: EDUSP, 2005.

_____. **Técnica, Espaço, Tempo**. 5. ed. São Paulo: EDUSP, 1996.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SMITH, N. **Desenvolvimento desigual: natureza, capital e produção do espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988

TUAN, Y. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

_____. **Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.